



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CICERO CLEITON PEREIRA MELO

**OURO BRANCO OU BOI DO POBRE: A INFLUÊNCIA DO ALGODÃO NO
DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DA CIDADE DE AURORA-CE (1960-
1990)**

CAJAZEIRAS-PB

2023

CICERO CLEITON PEREIRA MELO

OURO BRANCO OU BOI DO POBRE: A INFLUÊNCIA DO ALGODÃO NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DA CIDADE DE AURORA-CE (1960-1990)

Monografia apresentada à banca examinadora do centro de formação de professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como exigência parcial para obtenção do grau de licenciatura plena em História.

Orientador: Prof^o Dr^o Osmar Luiz da Silva Filho

CAJAZEIRAS-PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

M528o	<p>Melo, Cicero Cleiton Pereira Ouro branco ou boi do pobre: a influência do algodão no desenvolvimento socioeconômico da cidade de Aurora - CE(1960-1990) / Cicero Cleiton Pereira Melo. - Cajazeiras, 2023. 63f. : il. - Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho Monografia (Licenciatura em história) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Cultura do algodão - Aurora - Município - Ceará. 2. Memórias individuais e coletivas. 3. Sistema cooperativista. 4. Produtor do campo. 5. Agricultor - Taxa de metação. 6. História econômica - Aurora - Município - Ceará. 7. Bico do algodoeiro. 8. História - Aurora - Município - Ceará. 9. História econômica. 10. História social. I. Silva Filho, Osmar Luiz. II. Título.</p>
-------	--

UFCG/CFP/BS CDU- 633.511(813.1)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denise Santos Saraiva - Lourenço CRB 15-046

CICERO CLEITON PEREIRA MELO

**OURO BRANCO OU BOI DO POBRE: A INFLUÊNCIA DO ALGODÃO NO
DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DA CIDADE DE AURORA-CE (1960-
1990)**

Aprovado em: 16/06/2023.

Profº. Drº. Osmar Luiz da Silva Filho

Orientador

Profª. Drª. Rosilene Alves de Melo

Membro examinador

Profº. Ms. Francinaldo de Sousa Bandeira

Membro examinador

Profª . Drª. Camila Corrêa e Silva de Freitas

Membro examinador

(Suplente)

CAJAZEIRAS-PB

2023

Dedico este trabalho a todos os agricultores Aurorenses e a minha família, em especial aos meus pais, irmão, irmãs e esposa.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, que sempre me cuidou, auxiliou e me conduziu ao decorrer dessa longa caminhada, pois em algumas ocasiões pensei em desistir, não por vontade própria, mas sim por inúmeras vezes não estar mais suportando conciliar o trabalho durante o dia, o estudo durante a noite e as madrugadas de sono perdidas.

Aos meus pais e irmãos, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, principalmente nas horas mais difíceis e boas da minha vida.

Aos meus queridos tios, em especial, ao meu tio Alcione, que cordialmente se dispôs a esperar a minha volta de Cajazeiras por inúmeras noites e logo em seguida me conduzindo até em casa.

A minha esposa, por toda paciência e compreensão que sempre teve comigo, companheira de todas as horas e exemplo de mulher a ser seguido.

Ao meu prezado e querido orientador Dr. Osmar Luiz da Silva Filho, pela compreensão, dedicação e responsabilidade que sempre teve comigo.

Aos meus queridos depoentes, que com suas imensas alegrias me receberam de braços abertos em suas residências.

A todos aqueles que de forma direta ou indireta me ajudaram a prestigiar essa grande vitória.

RESUMO

Ouro Branco ou Boi do Pobre é um estudo que procura, a partir das memórias individuais e coletivas, compreender como se deu o estabelecimento, o auge, a decadência e o sistema cooperativista diante da cultura do algodão em Aurora-Ce. Nessa perspectiva, analisei as relações comerciais e familiares com enfoque nas dependências creditícias e taxas de meiação ao qual o produtor do campo (agricultor) se submetia. Personagens que construíram de forma gradativa o seu legado de subsistência, mas sempre enfocam à sua pobreza, dependência e submissão. Para a efetivação da pesquisa trabalharemos com fontes orais (memória) e outros documentos, como registros fotográficos e escritos. Também nos alicerçaremos teoricamente nas ideias e discussões dos paradigmas da História econômica e da História social.

Palavras-chave: algodão; memória; História de Aurora; bicudo do algodoeiro; cooperativa.

ABSTRACT

Ouro Branco or Boi do Pobre is a study that seeks, from individual and collective memories, to understand how the establishment, the peak, the decadence and the cooperative system in front of the cotton culture in Aurora-Ce took place. In this perspective, I analyzed commercial and family relationships with a focus on credit dependencies and share rates to which the field producer (farmer) was subjected. Characters who gradually built their legacy of subsistence, but always focused on their poverty, dependence and submission. To carry out the research, we will work with oral sources (memory) and other documents such as photographic and written records. We will also be based theoretically on the ideas and discussions of the paradigms of economic History and social History.

Keywords: cotton; memory; Aurora's story; cotton boll weevil; cooperative.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Fuso de fiar.....	18
Figura 2 - O primeiro tear	18
Figura 3 - Roda de fiar	19
Figura 4 - Lançadeira Volante	19
Figura 5 - Spinning Jenny.....	20
Figura 6 - Water Frame	20
Figura 7 - Spinning Mule (1779)	21
Figura 8 - Usina Santo Antônio, Aurora - CE - 1960.....	34
Figura 9 - Caminhão da CAMAL carregado com sacos de algodão - 1970	36
Figura 10 - Sacas de algodão depositado na Cooperativa, Aurora - Ce - 1975..	37
Figura 11 - Ficha de um ex-associado.....	40
Figura 12 - Sacas de algodão após colheita, Aurora - CE -1975.	41
Figura 13 - Maquinas de separação na Cooperativa	48
Figura 14 - Centro comercial, Aurora- CE.	51
Figura 15 - Inauguração da Linha Férrea, Aurora - CE.....	52
Figura 16 - Rua Santos Dumont.....	56
Figura 17 - Vista aérea da cidade de Aurora – CE.	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - A HISTÓRIA DO ALGODÃO NO BRASIL	14
1.1 Nas velas dos navios e no entorno dos corpos: o algodão é preciso!	17
1.2 Ao final do século XVIII as pesquisas de Manuel Arruda da Camara informam sobre o algodão	21
1.3 A força do algodão em nossa História	24
CAPÍTULO II – ANTES DO ALGODÃO ERA ASSIM, ORIGENS DE UM NÚCLEO URBANO: CONCEITOS DEMOGRÁFICOS E AS SUAS ESTRUTURAS SOCIAIS	29
2.1 Bem vindos a Aurora, terra do sol nascente.	31
2.2 Tempos Bons.....	32
2.3 O sistema cooperativista e os seus protagonistas	39
CAPITULO III - ALGODÃO E MEMÓRIA.....	43
3.1 O valor socioeconômico do algodão: perspectivas de vida, produção e subsistência frente a sua cultura.....	45
3.2 Inseto infeliz: Declínio do sistema econômico da cidade.....	50
3.3 Um espaço de produção e a urbanização da cidade.	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	62

INTRODUÇÃO

Todo mundo trabalhava nesse tempo, era menino era mulher era tudo, porque tinha serviço também né, tinha o apanhado do algodão, o caba nesse tempo ai do mês do são João por diante o caba reparava pra essas serras por todo canto o caba via as capoeiras tudo alvas de algodão né. (José Cicero, agricultor aposentado).

Nois vendia aqui pros patrão, tinha um pessoal que comprava Raimundo Vitorino, era Paulo Gonçalves, ai nós vendia pra eles sabe antes da cooperativa, ai depois começou a cooperativa, ai todo mundo botava na cooperativa, os patrão era os mesmo, mas eles compravam pra lá, levava direto pra cooperativa. (Francisco Ferreira Pinto)¹.

A presença do algodão no Brasil pode ser registrada desde os primeiros tempos de nossa história. Antes da chegada dos portugueses, tínhamos o seu plantio praticado pelos índios e, além disso, colhiam-no para a confecção de redes e cobertores, além de usarem suas folhas secas na cura de feridas. Assim era usado para consumo interno, não existindo grandes lavouras. Enquadrava-se mais como uma espécie de cultura de quintal.

No Brasil, a produção em grandes lavouras ocorreu nos anos 70 do século XVIII, para atender à demanda da nascente indústria inglesa de tecidos nos primeiros idos da Revolução Industrial, além da queda de produção no norte da América pela Guerra de Independência dos Estados Unidos. O Maranhão teria sido o primeiro espaço produtor a partir dos anos 1760. Caio Prado Júnior faz o registro da produção do algodão em larga escala, obedecendo a lógica de produção de nosso espaço colonial para atender ao mercado externo.

É somente quando se torna mercadoria de grande importância no mercado internacional que o algodão começa a aparecer, tornando-se mesmo uma das principais riquezas da colônia. Verifica-se aí, mais uma vez, o papel que representa na economia brasileira a função exportadora: é ela o fator único determinante de qualquer atividade econômica de vulto. (PRADO JR., 1976, p.56).

Ao final do século XVIII e início do século XIX, o algodão representava quase a totalidade da economia do Maranhão, de suas exportações, a fibra do algodão brasileiro era bem financiada em Liverpool. Durante o oitocentos, os Estados Unidos estão de volta à produção de algodão e à competição. No Brasil, o café ganhará

¹ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

destaque na pauta exportadora e as guerras acontecidas no período regencial abalam a produção no Maranhão e na Bahia.

Durante a Guerra Civil Americana (1860-1865), nossa produção assiste a um breve período de expansão econômica, novamente entrando em decadência nas décadas seguintes, quando do término do tráfico de escravos para o Brasil, o tráfico interno entre as províncias e posteriormente a abolição da escravatura.

A virada do algodão diante da produção cafeeira vai ser efetuada nos estados de São Paulo e Paraná, durante os anos 30 do século XX, vindo até como resposta à crise cafeeira. Uma ruptura com os ritmos anteriores veio nos anos 60, com adoção de políticas públicas articuladas junto aos interesses privados, nascendo uma base de inovação.

Durante os anos 1960 e 1970, o cultivo dessa cultura representou uma das principais atividades econômicas em muitas regiões e municípios brasileiros, tendo sido grande parte da geração de emprego e renda na região. O crescimento das lavouras propiciava o desenvolvimento de todo o setor industrial relacionado à beneficência e a transformação do algodão (descaroçamento, extração de óleo, fiação, tecelagem e confecção). A época dos acontecimentos, a quem quer que se disponha, trouxe a sua prosperidade, principalmente em regiões do Ceará, como em Aurora, em específico. Esta fase de relativa produção durou cerca de três décadas, abastecendo sempre assim o comércio local.

Assim, a presente pesquisa objetiva estudar a organização econômica e social da pequena cidade da mesorregião do sul cearense, Aurora, analisando as relações familiares e culturais em torno do nosso objeto a ser estudado. Desta forma, questionamos por via de uma pesquisa analítica e oral, como as décadas de 1960 a 1990, em torno da cultura do algodão, podem ter contribuído para tais fatores por meio de uma atividade completamente agrícola. E como as famílias continuaram a viver após o terrível declínio do algodão por via do malgrado bicudo que se instalou nos algodoads.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este trabalho se insere nos paradigmas da nova História econômica e da nova História Social, a partir de discussões conceituais, tais como: produção algodoeira, relações sociais, memória e História oral. Os autores que irão contribuir para um maior esboço deste projeto são: João Fragoso, Manolo Florentino, Caio Prado Junior, Heber Castro, Maurice Halbwachs e Janaina Amado. Por entender de tais paradigmas, tornam-se

fundamentais, pois trazem a luz e resposta para as questões necessárias dentro de um recorte temporal e contemporâneo, onde o econômico e o social se complementam por meio de relatos individuais e coletivos.

As discrepâncias trazem a baila às construções e trajetórias de um grupo cultural e político, para que assim possamos tratar dessa sociedade as suas vivências e rastros que ficaram para trás. O conceito de Heber Castro é muito claro:

A história social em sentido restrito surgiria, assim, como abordagem que buscava formular problemas históricos específicos quanto ao comportamento e às relações entre os diversos grupos sociais. Formulava, para tanto, primeiramente, problemas relativos à explicitação dos critérios usados pelo historiador na delimitação desses grupos. (CASTRO, 1997, p. 81).

A partir desta afirmação, pretende-se verificar que as variáveis sempre serão constantes perante os argumentos, por via das classificações e das classes sociais de cada indivíduo. Dessa maneira, Halbwachs (1990, p. 75) nos alerta no que diz “A importância relativa das partes e o sentido geral do evento, porque é impossível que duas pessoas que viram o mesmo fato, quando o narram algum tempo depois, o reproduzam com traços idênticos”.

Presumo ser este um dos meus deveres, ou seja, fazer dos protagonistas desse trabalho atores de um acervo documental mais contemporâneo, uma construção histórica, na qual sua temática ganhará uma maior ênfase por via de representações sociais em meio as nossas conversas.

Dito de outro modo, definido um determinado campo de investigação, procurava-se abarcar a vivência do maior número possível de agentes históricos na longa duração. A busca de fenômenos/relações sociais recorrentes deveria suceder, agora sim, a construção de quadros explicativos eficazes. (FRAGOSO, FLORENTINO, 1997, p. 60-61).

Na tentativa de compor monograficamente tal obra, por meio de imagens, fontes escritas e entrevistas orais, o presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) irá se munir e se dividir estruturalmente em três capítulos.

No primeiro capítulo, **A História do algodão no Brasil**, buscaremos apresentar a história do algodão no Brasil e no mundo. Questões como ocupação e a capitalização do Ceará frente à relação entre a pecuária e o algodão serão

levantadas. Em seguida, passaremos a descrever os seus aspectos técnicos como a produção manufatureira, a maquinofatura e a fabricação têxtil. Finalizando essa discussão, traremos uma discussão em torno das pesquisas de Manuel de Arruda e da força do algodão em nossa História.

No segundo capítulo, **Antes do algodão era assim, origens de um núcleo urbano: conceitos demográficos e as suas estruturas sociais**, buscaremos apresentar os espaços geográficos e turísticos que compõem o município de Aurora. Também interpretaremos e analisaremos as lembranças acerca da experiência vivida dos narradores e os processos de produção dentre as lavouras de algodão. Questões como as relações comerciais, creditícias e taxas de mediação também serão levantadas. Ademais, neste capítulo nos importou descrever a identidade do sistema cooperativista e dos seus principais protagonistas.

O terceiro capítulo, **Algodão e memória**, aborda as memórias individuais e coletivas daqueles que de fato vivenciaram e contribuíram com a cultura do algodão em larga escala em Aurora - CE, por isso travaremos um diálogo mais próximo com as nossas fontes; escritos como de atas de reunião e estatutos da Cooperativa Agrícola Mista de Aurora LTDA (CAMAL) serão apresentados em constante diálogo com a nossa escrita. Por fim, averiguou-se o fim da cultura do algodoeiro diante da praga disseminadora do bicudo, se houve resistência ou não e como ficaram as famílias após o seu declínio.

A escolha das pessoas elencadas para as entrevistas está ligada ao projeto de pesquisa e aos objetivos nele traçados, ou seja, investigar o auge, declínio e contribuição do algodão sobre o meio social e familiar em Aurora - CE, bem como à disponibilidade e às condições das pessoas requisitadas para darem os seus testemunhos. Nosso desafio, a partir de agora, é apresentar ao leitor uma narrativa que se intercale e se situe ao que foi descrito e planejado.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DO ALGODÃO NO BRASIL

Conta-se que o cultivo do algodão no Brasil, no que se refere a sua pré-história, tem início antes mesmo dos primeiros anos de colonização, pois foi frente a tal época - ao chamado “descobrimento do Brasil” – que os indígenas que ali viviam, já sabiam fiar e até fazer tecidos de algodão. Na Carta de Pero Vaz de Caminha encontraram menção dos primeiros portugueses aqui chegados, ao conhecimento que os índios tinham do algodão. Da maneira como nos fala o escrivão “um pano de penas de muitas cores, maneira de tecido assás formoso, segundo Vossa Alteza todas estas coisas verá, porque o capitão vo-las háde mandar, segundo ele disse. E, com isto, vieram.” (CAMINHA, 1500, p. 10).

Quando do início da colonização, os portugueses constaram, portanto, que já existiam espécies de algodão em solo do Brasil. E como nos apresenta Costa, Bueno (2004, p. 18) em suas descrições sobre a saga do algodão “No Brasil, quando da chegada do colonizador português, em 1500, o algodão era utilizado pelos índios para diversas finalidades”.

Registros como o do cronista Pero de Magalhães Gândavo que, ao escrever seu **Tratado da terra e gentes do Brasil**, ainda nos fala que o algodão estava presente em diversos solos das capitanias brasileiras. Acha-se nessas terras diversas culturas de mantimentos a qual as torna muito abastada, como afirma Gândavo após frequentar a capitania da Bahia, “também se tira deles muito açúcar, ainda que os moradores se lancem mais ao algodão que a cana-de-açúcar porque se da melhor na terra”. (GÂNDAVO, 2008, p.37).

Entretanto, a partir de 1536, a colonização portuguesa começa a ganhar forma e isso acontece pela escolha de uma cultura agrícola que será plantada em grande escala, com cultivo extensivo, a cultura do açúcar. Junto a essa cultura outros elementos solidificaram o desenrolar da colonização como a implantação do trabalho escravo e a ocupação de vasta área de terras que estariam disponíveis ao cultivo, com destinação ao mercado externo. Era a introdução do sistema de *plantation*.²

² É um tipo de sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante a utilização de latifúndios e mão de obra escrava.

Da interação deste trabalho, surge a ocupação e capitalização do Ceará, sobretudo através da relação entre a pecuária e o algodão, mais conhecido como o binômio gado-algodão. A todo modo à capitania hereditária que conseqüentemente viria ao longo dos tempos a se tornar o Ceará, em meados dos anos de 1621 passaria a ser governada por Martim Soares Moreno, o qual tinha recebido a incumbência de representar o governo pelos próximos dez anos e assim elevar o desenvolvimento econômico daquela região. Dessa forma, afirma-se um maior empenho na fundamentação das lavouras de algodão por via de um trabalho escravocrata e nativo, que, posteriormente, viria a se transformar em um movimento expansionista de exportação.

Ora o algodão fora encontrado em roças particulares de colonos, roças de quintais, o que torna o mesmo conhecido para o emprego de panos e roupas básicas para o vestuário. Se tomarmos em consideração o aumento demográfico com referência aos escravos, teremos que notar que haverá uma procura do algodão para o feitiço das roupas destinadas a esses cativos, como destaca um dos nossos primeiros cronistas, ainda ao final do século XVI.

As fazendas donde se consegue mais proveito são açucares, algodões e pau do Brasil, com isto fazem pagamentos aos mercadores que deste reino lhes levam fazenda porque o dinheiro é pouco na terra, e assim vendem e trocam uma mercadoria por outra em seu justo preço. (GÂNDAVO, 2008, p. 53).

Cogita-se que um dos fatores determinantes para a instalação da cultura em terras brasileiras, deu-se por meio da implantação das capitanias Hereditárias. Territórios do Brasil pertencentes a Portugal seriam divididos em faixas de terras, ou seja, cada lote seria dominado ou governado por algum membro de confiança da coroa portuguesa, o capitão donatário.

Foi-se por via disto, que em virtude de um maior desenvolvimento interno que as capitanias, principalmente as do Norte e do Ceará, resolveram visibilizar um maior desenvolvimento de espécies da cultura do algodão a qual fundamentalmente consistiu em se tornar um dos principais produtos de exportação para o mercado externo. O Maranhão é uma dessas referências de iniciativas a um aumento do cultivo do algodão para fins de mercado.

Mas é no Maranhão que o progresso da cultura algodoeira é mais interessante, porque ela parte aí do nada, de uma região pobre e inexpressiva no conjunto da colônia. O algodão dar-lhe-á vida e transformá-la-á, em poucos decênios, numa das mais ricas e destacadas capitânicas. Deveu-se isto em particular à Companhia geral do comércio do Grão-Pará e do Maranhão, concessionária desde 1756 do monopólio desse comércio. É esta companhia que fornecerá créditos, escravos e ferramentas aos lavradores; que os estimulará a se dedicarem ao algodão, cuja favorável conjuntura começava a se delinear. (PRADO JR., 1976, p. 56).

No entender de Caio Prado Junior, em sua História Econômica do Brasil, a “produção” e o “comércio” parte desde os proêmios do sistema colonial brasileiro, um sistema próprio, um ambiente cultural e mercantilista que cria as suas próprias bases para o comércio e sustentação de uma estrutura que se fazia presente ali, algo próprio e emergente à agricultura economicamente. Cabe então ressaltar que o açúcar foi um dos seus principais pontos de partida. Sendo que mais adiante o beneficiamento se transforma, distinguindo-se por vez o desempenho e o progresso de cada cultura, forrando-se assim produtivamente o lavrador. A mudança é mais profunda, Prado Jr. descreve:

O progresso da lavoura algodoeira foi muito facilitado pela relativa simplicidade de produção. Ao contrário do açúcar, ela quase nada exige além da cultura propriamente, seu benefício se limita a separação do caroço e ao enfardamento, operações simples que não exigem senão instalações sumárias. (PRADO JR., 1976, p. 57).

É bem verdade que, em princípio, no Brasil colonial, o algodão foi introduzido para atender pequenas necessidades como a produção das roupas dos habitantes ali presentes e dos escravos, pois ainda se apresentavam com uma mão de obra bastante arcaica e rudimentar em seus teares, destinando muitas das vezes seus panos grossos para regiões com povoamentos mais densos, como era o caso das regiões de mineração em Minas Gerais.

Vale a pena ressaltar, no entanto, que mesmo se considerarmos a “relativa simplicidade da produção”, como destacou acima um dos historiadores da economia colonial, Caio Prado Jr, chega-se a um momento em que o algodão precisa ser produzido e manufaturado numa quantidade cada vez maior. Como isso ocorreu e como foi construída essa produção manufatureira, no aspecto técnico?

Achamos interessante pontuar essa descrição, uma vez que os processos técnicos são o outro lado de um mecanismo produtivo que historicamente permeará

o protagonismo dos países envolvidos com a economia algodoeira. Para tanto, faremos uma narrativa de como esse processo de manufatura do algodão ocorreu.

1.1 Nas velas dos navios e no entorno dos corpos: o algodão é preciso!

A produção manufatureira do algodão remonta a um período de 5.000 a.C. no Egito, lugar onde pode ter surgido o primeiro dispositivo de fiar. Todavia, durante a Idade Média Ocidental, produzia-se o algodão de um só fuso, uma pequena ferramenta de trabalho da época que podia ser intercalada a diversas situações manufatureiras. Imagina-se o trabalho que se dava produzir aquelas belas vestimentas da Idade Média ou a construção de todos aqueles tecidos das velas de navios, que garantiam o rumo dos viajantes ao seu destino - algo bastante delicado e preciso - o algodão sempre foi necessário aos homens!

Sem maiores delongas, saindo dos campos, as plumas de algodão transformavam-se e isso evoca todo um modo de fazer e de produzir manufaturas a partir dos capuchos brancos. No início, depois que o algodão saía da etapa de sua produção agrícola, começou-se a processá-lo através de alguns elementos desenvolvimentistas, o qual daria vida ao tear, processo esse que ao longo dos tempos viria a se tornar algo bastante rudimentar e desusado diante das predominâncias que agora ali estavam presentes.

É sensato mencionar que a História do algodão, quando se fala na produção e criação de suas manufaturas em suas modalidades, apresentou-se com alguns nomes imprescindíveis para as novas execuções das frentes de trabalho. Entre eles, encontra-se: **John Kay; James Hargreaves; Richard Arkwright e Samuel Crompton**, principais idealizadores para um relevante crescimento na fabricação têxtil. Eles são inventores do século XVIII e neles se encontram as portas para o início de toda a História e incorporação das maquinofaturas e exoneração da manufatura, isso quando me refiro a tudo aquilo que era feito diretamente e somente a mãos.

Estrategicamente e artesanalmente os pequenos produtores originavam suas tecelagens. Era assim, simplesmente, que surgiram algumas das primeiras vestimentas do algodão. Contudo, seria a junção da trama com as urdiduras. Desprovidos de outras condições, as fibras eram presas em um objeto popularmente

conhecido como **fuso de fiar**, uma espécie de gancho onde as fibras de algodão eram torcidas de forma individual dando forma aos fios da matéria prima, os fios de algodão. Feito esse caminho, chega o momento de dá forma aos tecidos em um tear, um pequeno quadro de madeira acompanhado dos seus furos nas laterais, e assim iriam se formando as tecelagens.

Figura 01 – Fuso de fiar



Fonte: <https://www.youtube.com/@InvencoesNaHistoria/about>

Figura 02 – O primeiro tear



Fonte: <https://www.youtube.com/@InvencoesNaHistoria/about>

No tocante, encontra-se o primeiro aperfeiçoamento, o qual merece ser ressaltado. Nela o chumaço de algodão era torcido muito mais rapidamente, criando-se assim um fio mais privilegiado, o qual seguidamente seria enrolado em um carretel de uma forma já um pouco mais avançada. Tal máquina ficou conhecida unicamente como a primeira roda de fiar, e suas etapas se concentravam nos seus componentes para o seu seguimento: fuso preso a um mancal, movimentado por uma correia encaixada em uma roda manuseada à mão ou pedal. Na integração a seguir o pressuposto seria acirrado, o caso típico começa a perder espaço por meio de inúmeras variações das primeiras maquinofaturas; dentre elas citaremos quatro: A lançadeira Volante, Spinning Jenny, Water Frame, Spinning Mule.

Figura 03 - Roda de fiar

Fonte: <https://www.youtube.com/@InvencoesNaHistoria/about>

Talvez por ser algo mais rápido e já um pouco tecnológico, finalmente apresentava-se a **lançadeira volante**, a qual foi criada e patenteada em 1733 pelo inventor John Kay. Portanto, se houve um aumento produtivo no comércio da fabricação de tecidos, ele e sua criação foram um dos principais estímulos. A lançadeira se deslocava de um lado para o outro entre os fios das urdiduras do seu mais novo tear, elevando assim, de forma mais rápida os fios da trama.

Figura 04 - Lançadeira Volante

Fonte: <https://www.youtube.com/@InvencoesNaHistoria/about>

Desprovidos de outras condições, os grandes números de tecelões se viram desempregados. São assim as circunstâncias que de início os avanços tecnológicos traziam consigo. Mas com ou sem intenção empregatícia, os avanços não pararam, procurou-se compensar cada vez mais o mercado tecnológico e desenvolvimentista das primeiras e pequenas máquinas, contribuindo assim com a construção daquelas que viriam a se tornar as primeiras indústrias têxteis.

Nestas condições, em 1764, surge a **Spinning Jenny**, uma máquina de fiar hidráulica capaz de produzir diversos fios de uma só vez. É nesta base que a invenção de James Hargreaves, um ex-tecelão e carpinteiro Inglês, vai ganhando

uma maior proporção em sua produção com menos trabalho; cogita-se que ela já assumiria a responsabilidade de oito ou mais tecelões.

Figura 05 - Spinning Jenny



Fonte: <https://www.youtube.com/@InvencoesNaHistoria/about>

Todas essas circunstâncias determinaram um profundo comprometimento e modificação tecnológica para a prosperidade da manufatura a qual recebia cada vez mais um grande influxo da maquinofatura que posteriormente se consolidara nos meados do século XVIII e XIX, com a Revolução Industrial. No que diz respeito tais invenções, vejamos uma máquina de maior precisão, a **Water Frame**, criada e patenteada por outro fabricante inglês, cujo nome é Richard Arkwright. Sua infiltração só viria a somar, pois foi a primeira máquina a substituir a força humana pela a potestade de um líquido (força motriz).

Figura 06 - Water Frame

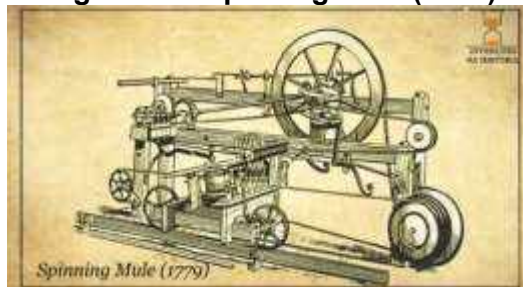


Fonte: <https://www.youtube.com/@InvencoesNaHistoria/about>

Diante da intensidade das novas aplicações inovativas já entre os primórdios da chamada revolução industrial, um trabalhador de tecelagem conhecido como Samuel Crompton, em 1779, cria uma das máquinas mais precisa e produtiva para o setor têxtil: a **Spinning Mule** ou mula giratória, ao nosso português. Para uma correta utilização e o crescimento dos planos de metas a serem atingidos, ele

projeta toda uma bela junção. A mula giratória descendia basicamente da união da Spinning Jenny com a Water Frame, originando-se assim uma das melhores e mais famosas máquinas de tear e torção do setor têxtil. Depois do seu incremento, os aprimoramentos não pararam.

Figura 07 - Spinning Mule (1779)



Fonte: <https://www.youtube.com/@InvencoesNaHistoria/about>

Na tentativa de melhorar a produtividade, sua existência foi bem ponderativa, uma produção em maior escala com a fabricação de fios que, além de mais finos e bem torcidos, também recebiam os melhores preços de mercados, isso unicamente por se tratar de um fio que agora poderia ser utilizado tanto na trama como no urdimento. Ou seja, a indústria estava sendo agraciada por inúmeras invenções, entretanto, muitas delas servindo de rompimentos e marcando histórias entre as passagens de anos, décadas e séculos. Talvez essas invenções permaneçam como um elo para o início e fim de determinados períodos, pois agora a Europa passaria a sofrer um conjunto de mudanças junto a Revolução Industrial.

O que conferiu uma expressão e uma pujança ao algodão foi um *hall* tecnológico e industrial acontecido na Europa ao final do século XVIII que viria a mudar o mundo. Tais modificações impulsionavam a indústria têxtil, lembrando que uma das principais fornecedoras de algodão para as indústrias inglesas advinha dos Estados Unidos, porém, com a Guerra da Independência, os ingleses tiveram que direcionar o seu olhar rumo a outra trajetória.

1.2 Ao final do século XVIII as pesquisas de Manuel Arruda da Camara informam sobre o algodão

Ao final do século XVIII alguns cientistas brasileiros, formados e influenciados pela ciência europeia, desenvolveram pesquisas sobre nossas potencialidades

agrícolas. Muito da flora brasileira foi estudado para fins utilitários. Um desses gêneros cultivados foi o algodão. A pedido do ministro português Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, o paraibano Manuel Arruda da Camara passou extrair de seus estudos conclusões para uma aplicação prática no cultivo e geração de riquezas.

Foi assim que seu estudo intitulado “Sobre a Cultura dos Algodoeiros e sobre o Methodo de o Escolher e Ensacar, etc.” foi publicado e teve grande repercussão e divulgação entre os agricultores, propiciado pelas ações do Estado Português.

Em sua obra, descreve com firmeza a maneira de melhor lidar com esse gênero agrícola. Havia clareza em suas palavras, ao descrever as utilidades pós-fecundidade e desenvolvimento em vida do algodão somada à produtividade da fabricação da sua máquina de ensacar suprimindo uma das principais necessidades, o aumento da sua uberidade.

Seja como for, hum discurso bem simples nos pôde persuadir, que o algodão foi a primeira substancia do Reino vegetal , de que os homens se servirão para fabricar os seus primeiros pannos ; porque a natureza já a produz apta para se poder fiar, como todo o mundo sabe , o que não acontece a respeito do linho, e da seda, as quaes exigem longas , e peniveis preparações antes de se porem no estado de se fiar , o que só huma longa serie de tempos , experiências , e casualidades poderião ensinar. (CAMARA, 1799, p. 03).

Esta postura não para por aqui, enfatizava Arruda Camara. Na verdade, cada descoberta o tornava mais perspicaz, a ponto de descrever com seriedade tudo aquilo que os seus olhos viam, pois descreveu cada tipo e espécie de algodão que encontrou, como por exemplo, a espécie da herva, barbadás, árvore e felpudo. Assim, a responsabilidade foi se dividindo em diferentes graus que partem antes mesmo da plantação. Refere-se este processo ao então tipo de terra e a qualidade do terreno que prezava pela vida do algodão. Em suas observações se aludiu a três predomínios para o plantio dos algodoais: as vargens³, a caatinga e o areisco, sendo que entre os três mencionados se destaca a vargem por ser um tipo de terra que preserva o seu frescor por um período mais longo, o qual propiciava os frutos daquela terra. O homem é um verdadeiro conhecedor das terras, em um único olhar propício, ele define se a terra é fértil ou não, se a temperatura é ambiente ou se o seu frescor é essencial. São as intempéries da natureza os guias da fertilidade.

³ Terreno plano e fértil situado na margem de um rio.

Embora acessíveis, também se junta a ela as instruções para se plantar que incluem da limpa da territorialidade, espaçamento e compreensão dos fenômenos da natureza para assim melhor fluir sua vegetação. Vamos aqui considerar os distanciamentos em meio ao seu tumulto. Em suas entrelinhas Arruda descreve a seguinte menção: “Eu já vi abandonarem algodoais, carregados de frutos, não se atrevendo a continuarem a colheita, por ter sido plantado muito junto”. (CAMARA, 1799, p. 28).

Quanto a este ponto também temos alguma confirmação para assim sanar as inúmeras perdas expansivas daquelas terras que haviam sido preparadas com tanta ansiedade e suor; o valor desta técnica era óbvio pelo simples fato de desafogar o algodão, respeitar a distância e diminuir a perda de terras. Assim, preenchem-se as brechas com o milho e o feijão, legumes que logo se colhem e que também fartam a nossa mesa, tudo dentro do espaçamento referido “a distancia mais proporcionada, he de 14 pés hum do outro; nas catingas dê mata 8, nos areiscos, e nos lugares do agreste de 6 pés”. (CAMARA, 1799, p. 29). O importante a notar é que o processo da sua consistência é marcado e se eleva por diversas diretrizes.

Na prática, isso significava algumas operações a seguir, pois além da preparação da terra, dos entendimentos e fenômenos da natureza, depois de crescido o algodão passava por processos praticamente cruciais, entre eles, a capação, poda e decotação, três ações que ajudariam na nutrilidade e florescimento, e estas ações definiam a qualidade da planta.

Maranhão antigamente não deitava algodão algum para Europa, e só o cultivava para gasto do paiz, que era tão pobre, que o fio que seus habitantes fiavão do algodão, era a moeda Provincial, servindo-se délla para comprar o que precisavão, de sorte que até nos açougues a carne era comprada a troco de novellos de fio; até que o Ilustríssimo Senhor General Teles animou os Agricultores , obrigando a Companhia a fiar de muitos escravatura , ferramentas , etc. e desde então principiou Maranhão a enriquecer, e augmentar. (CAMARA, 1799, p. 6-7).

Um exemplo extraordinário parte do salto da produção, isso quando me aludo à forma de descaroçamento e ensacamento do algodão, ou em palavras mais simples, a separação entre o caroço e a fibra, que de início poderia ser visto como algo cansativo, ademais eram horas excessivas de trabalhos manuais que perdurou até a criação do método de descaroçar com dois cilindros, que se apresentavam

com movimentos opostos controlados por duas pessoas ao girarem as suas manivelas. Temos uma constante ideia de que o sistema cotônico foi capaz de trazer mobilidade e firmeza para o mundo, e assim foi-se montado um cenário bastante propulsor para a agricultura mundial.

1.3 A força do algodão em nossa História

Diante de uma História altamente rica, econômica e social, descreve-se que as primeiras exportações algodoeiras brasileiras datam da segunda metade do século XVIII, em que as exportações foram advindas dos estados do Maranhão e do Ceará para suprir as necessidades que se faziam presentes em Portugal e na Inglaterra.

Neste sentido, pertencente à tipologia dos arbóreos, o “Rim de Boi” era a cultura presente; tal designação se dá pelo o fato de suas sementes se apresentarem em forma de um rim, unidas. E por influência dos portugueses, a cultura viria a se desenvolver em várias regiões aqui no Brasil, sendo que um dos fatores determinantes para isso foi a produção e exploração da mão de obra escrava, tornando assim o algodoeiro uma cultura de exportação. Para Castro (1997, p.77), mesmo que hoje a própria noção genérica de “homem” seja objeto de discussão, poucos historiadores discordariam da afirmação de Duby, de que o homem em sociedade constitui o objeto final da pesquisa histórica.

Propriamente por volta dos anos 1750 ou mais precisamente no século XVIII, o apoio administrativo do Marques de Pombal foi extremamente fundamental. O governo português decide apoiar o avanço da produção de algodão no Brasil para se sobressair frente à redução da dependência dos tecidos ingleses e a ideia apresenta um caráter totalmente benéfico, pois a cultura alcança o seu auge em todo o Nordeste e torna Portugal um grande fornecedor de produtos cotônicos para indústrias inglesas.

Entretanto, por volta dos séculos XVIII e XIX, os quais visibilizam aos anos de 1775-1830, em especial o Maranhão, algumas práticas mercantilistas se fazem presente ali. Perante a introdução da nova política administrativa de uma companhia comercial que se instala com o intuito de novos desenvolvimentos mercantis: a companhia Geral do Comércio do Grão Pará e Maranhão fundada em 1755, onde a

principal estratégia e incentivo seria fazer com que a produção têxtil colonial abastecesse Portugal, a metrópole.

Frente a tal condição, o ouro branco fez com que a agricultura das capitanias expandisse e atrelado a tal acontecimento ainda se encontra a queda de produtividade dos Estados Unidos em decorrência da luta pela sua independência, a qual paralisou suas exportações para um dos principais “rankings” do mercado mundial, a indústria têxtil inglesa.

Foi neste momento que o Brasil começou a fluir de vez no mercado mundial, passou a fornecer nossa matéria prima para o mercado e indústrias inglesas, pois com o advento da revolução industrial, as suas máquinas, principalmente as de tear, sentiam uma maior necessidade por nossas fibras.

Nessa seção, a produção, qualidade e florescimento dos nossos algodoads, fez com que cada fio e novelo de algodão se tornassem algo altamente significativo, elevado e atrativo a ponto de suas pequenas plumas serem utilizadas como moedas, na compra e troca de produtos e barganhas.

O século XVIII permitirão o seu aproveitamento em medida quase ilimitada, e ele se tornará a principal matéria-prima industrial do momento, entrando para o comércio internacional em proporções que este desconhecia ainda em qualquer outro ramo. Arkwright constrói o seu fuso em 1769, no mesmo ano em que Watt obtém patente para a máquina a vapor que tornaria possível o emprego desta energia em larga escala. Em 1787 Cartwright inventa o tear mecânico. São datas preciosas para o Brasil. O consumo do algodão na Inglaterra, o grande centro da indústria têxtil moderna, acompanha estas datas. (PRADO JR., 1976, p.55).

Ao pensar esse processo, observa-se que alguns fatores foram determinantes para que o Brasil se tornasse um dos maiores produtores e exportadores desse produto de maior importância comercial ao decorrer das diacronias seguintes. Portanto, demarcações como a Independência dos Estados Unidos, a decadência da economia açucareira, a Guerra de Secessão, a Primeira Guerra Mundial e a quebra da bolsa de Nova York puderam contribuir para as determinadas oscilações e conjunturas econômicas no Brasil frente à cultura do algodão.

Diferentemente dos outros países, o Brasil se apresentou com elevados índices de crescimento e consumismo em sua produção, fato que ainda pode ser discutido, pois breves leituras apresentam em porcentagem alguns dados de sua produção. Estima-se que 75% a 80% da produção de tecidos têxteis correspondiam

às indústrias brasileiras, isso lá em 1920, elevando a nossa nação a prestigiar em algumas vezes o 3º e 5º lugar dentre os maiores produtores e fornecedores de algodão do mundo, algo fantástico para a época. (COSTA, BUENO, 2004, p.17).

No ano de 1919, havia no Brasil 202 fábricas de tecidos de algodão, das quais 49 em São Paulo, 43 em Minas Gerais, 17 no Distrito Federal e no estado do Rio e 13 na Bahia.

Considerando-se que a cultura do mocó foi de bastante relevância em localidades semiáridas, principalmente em regiões dos estados do Ceará e da Paraíba, sua perenidade com um caráter de segurança, apresentava-se como uma das principais fibras ou, dependendo da classe (elite x pobre), como uma das únicas fontes de renda para os grandes, médios e especificamente os pequenos agricultores.

Contudo, os seus meios de produção ainda se apresentavam de forma bastante arcaica, e, partindo desde o arado da terra até a sua colheita, tudo era feito e produzido de forma manual, não existia ainda ali um *hall* tecnológico, causando assim inúmeras desvantagens diante da nova cotonicultura sulista, a qual já se apresentava com um grande feito tecnológico.

Em regiões como São Paulo, no plantio e colheita da nova fibra os agricultores já se utilizavam de máquinas e técnicas de cultivos bastante modernizadas e sementes geneticamente melhoradas, ou seja, tais fatores levavam ao um grande desempenho, elevando assim uma maior produtividade. Era o zelo por uma devida correção na agricultura diante da balança comercial que se fazia presente à cotonicultura herbácea.

Isto posto, foi entre a década de 1934-1935 que o mercado têxtil passa por um de seus vultosos momentos econômico, provavelmente ocasionado por alguns contextos históricos que ali se considerava, entre eles: primeiro uma maior adesão dos agricultores paulistas em um estágio de maior desenvolvimento econômico na sua inflexão em uma nova trajetória agrícola diversificada em 1930. Isto porque, a produção do algodão brasileiro o elevou a um índice de maior produtor de uma cotonicultura totalmente diferenciada do mundo, capaz de produzir dois tipos de algodão para a indústria têxtil, algo bastante relevante para o mercado externo.

Destacado esse cenário, foi justamente neste momento que a fibra nordestina foi apresentando suas perdas em preço, seria uma substituição no mercado, onde o

algodão arbóreo perene (mocó) de predominância regional estaria sendo substituído por um algodão de caráter anual e de fibra mais curta, porém mais resistentes.

A partir daí, São Paulo consolida-se como principal produtor nacional, aproveitando-se da proximidade de seu crescente parque têxtil e do esforço dos seus pesquisadores, especialmente do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC). Já na década de trinta, por exemplo, a área cultivada passou de 393.000 hectares em 1934 para 1.000.000 hectares em 1935. (COELHO, 2002, p. 35).

O somatório dessas condições favoráveis deu-se pela implantação da cultura algodoeira na zona meridional a qual seria a sua principal idealizadora com a perspectiva de se tornar uma das principais regiões produtoras de algodão do mundo. Fixava-se ali a nova raiz do progresso econômico em terras brasileiras, assim ganhando lugar em destaque dentro da agricultura.

Mas segundo Bragança Coelho: “Este crescimento foi contínuo até 1945, quando ocorreu a primeira retração em mais de uma década. Em 1946, com a queda da atividade econômica e nos preços do algodão, a produção despenca”. (2002, p. 35). As décadas de 1950-1960 viriam a se tornar um divisor de águas, pois não foram anos propulsores para a produção do algodão; pelo contrário, trazia junto a si fatores que regrediam o rumo e a estabilidade de tal cultura.

Nessa fase de transformações econômicas, sendo modernas ou não no campo, a partir de 1968 as exportações dos manufaturados só seriam possíveis após a contribuição com a concessão de subsídios e as renúncias fiscais, tipos de impostos que agora deveriam ser pagos para as atribuições do governo.

Entre elas, destacavam-se a isenção de impostos de renda (IR), juros subsidiados no financiamento da produção e créditos fiscais do Imposto de Produtos Industrializados (IPI) e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) na exportação. Isto estimulava a exportação de produtos têxteis acabados ao invés da pluma que enfrentava a taxa do ICM e, posteriormente, do Programa de Integração Social (PIS). (COELHO, 2002, p. 37).

Nesse contexto, o Brasil se depara com as quedas de preço no mercado e as novas restrições. As novas políticas comerciais fizeram com que a nação brasileira abandonasse o cargo de exportador, o qual era uma das suas principais atribuições no mercado. Analisando os efeitos de tal situação em 1973, o Brasil abandona tal privilégio e se torna apenas mais um dos inúmeros importadores da matéria prima, a

pluma. Barbosa nos reforça quando diz “a primeira fase do processo teve início em 1973, com o estabelecimento de restrições às exportações, como proibições, controles quantitativos (contingenciamento) e incidência de impostos de exportação”. (1996, p. 01).

CAPÍTULO II

ANTES DO ALGODÃO ERA ASSIM, ORIGENS DE UM NÚCLEO URBANO: CONCEITOS DEMOGRÁFICOS E AS SUAS ESTRUTURAS SOCIAIS.

AURORA (Antiga Venda)

*À margem do salgado instalou venda
De comida e bebida Dona Aurora
Que servia de oásis, rancho e tenda
Ao viajante, acolhendo-o a qualquer hora*

*Era a ribeira que sulcava a senda
Do litoral ao Cariri, outrora
Vem depois uma igreja uma venda,
Outra e mais outra e em povoação se aflora...*

*Não sei se o mais é tradição ou lenda
Sei que foi vila e que é cidade agora
E a sua história é trágica e tremenda!*

*É a terra do meu berço esta que embora
Tivesse o nome mercantil de Venda
Tem hoje o nome fúlgido de Aurora!⁴*

A imagem elaborada textualmente pelos os escritos do poeta Serra Azul transpõe para o leitor um viés econômico, atrativo e social de como a cidade de Aurora radicalmente pode ter sido construída. Na base de sua argumentação poética há uma nítida certeza quando diz “sei que foi vila e que é cidade agora”. Esse emaranhado marcaria, entretanto, os trajetos para a formação de mais uma cidade da região caririense. As origens de um núcleo urbano conferem-lhes a algumas identidades, porém cada uma com um peso maior de atribuição em seus

⁴ http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/ceara/francisco_leite_serra_azul.html

significados, nomes como do senhor Francisco Xavier, Benedito José dos Santos e Aurora (antiga proprietária da venda) merecem destaque.

E por se tratar de uma região banhada pelo o médio salgado se associava e transitava por ali muita gente, a ponto de muitos deles resolverem até povoar e formar pequenas vilas dentro do território. Um dos fatos mais notório é que essa dita vila vai ganhar uma maior notoriedade quando o Pe. Antônio Leite de Oliveira resolve construir em meio as suas terras um centro de oração (oratório), firmando-se assim aquela pequena Vila por via da presente aglomeração de pessoa de outras localidades como, por exemplo, de Jaguaribe.

No que tange ao povoamento do território que deu origem ao atual município de Aurora, a tradição faz referência a duas correntes sertanistas: uma provinda da região do Jaguaribe, e outra que desceu pelo Riacho dos Porcos, tendo convergido para o sertão do salgado, na fase de concessão das primeiras sesmarias, ou seja, no início do século XVIII. (TAVARES, 1994, p. 25).

Mas foi somente em meados dos anos de 1885 que a cidade passou a ser vista como município, iniciando assim a sua formação política, religiosa e administrativa. Notoriamente, ela foi ganhando formas aos poucos, até deixar de ser termo da comarca de Lavras da Mangabeira. Como primeiro prefeito teve o senhor Manuel Leite de Oliveira, como vigário já representando a paróquia do senhor menino Deus, o senhor Pe. Vicente Pinto Teixeira, como primeiro juiz o senhor Dr. Walter Spindola. E tudo isso serviu cada vez mais para avivar o processo de crescimento da cidade. Materialmente, ela passou a ser construída e urbanizada, estradas e ruas passaram a ser desenvolvidas, tendo como uma das mais antigas hoje, a atual Coronel Xavier.

Esta rua começava no lado leste do quadro da Matriz, tendo como referência o beco que dava acesso para o rio salgado. Esta era a parte baixa, com poucas casas de um lado e outro da estrada, cerca de oito casas, que se sucediam até o beco onde hoje se localiza a mercearia de José de Bernardo. Daí pra cima, casas esparsas onde moravam o major José Leite de Figueiredo, Hermenegildo de Sá Cavalcante, o ferreiro José Timóteo, os marchantes João Mariano a Antônio Grande, e, mais além, a do mestre Apolinário, que trabalhava de ferreiro e de pedreiro. (TAVARES, 1994, p. 41).

Atualmente ela se encontra situada na mesorregião do sul cearense, microrregião de Barro, região político-administrativo do Cariri, de modo que, apresenta-se diante de alguns limites territoriais como: ao Norte - Ipaumirim e Lavras da Mangabeira, ao Sul - Barro, Milagres e Missão Velha, ao Leste - regiões pertencentes à Paraíba e ao Oeste – Caririaçu - CE. Segundo a estimativa em 2022, o município de Aurora tem uma população de 24.658 habitantes, o que representa um acréscimo de 0,37% em relação ao censo de 2010, que mostrava o município com uma população de aproximadamente 24.566 habitantes, onde cerca de 52% da população à época vivia na zona rural.

2.1 Bem vindos a Aurora, terra do sol nascente.

Portanto, quem chega a Aurora, na terra do Senhor Menino Deus, encontra um conjunto convidativo de equipamentos urbanos com muitas casas, edifícios públicos, templos religiosos e, principalmente, os habitantes, pessoas ordeiras, pacíficas, cordiais e acolhedoras com aqueles que nos visitam. Essa é nossa essência, gente humilde e batalhadora, onde simplicidade é a nossa natureza.

Ao cruzar a ponte, o que nos salta aos olhos são as águas do vale do Rio Salgado e o movimento encantador daqueles que de pele tostada enfrentam a sua labuta de cada dia. A igreja matriz, o Casarão do antigo Coroné, o cemitério da Bailarina, as Minas do Coxá, a Capelinha da Marta Francisca e a Estação Ferroviária são os nossos principais pontos turísticos de atração.

Ao chegar aqui, sinta-se à vontade para debruçar-se com a nossa cultura, pois afinal aqui é terra de artistas bastante renomados e notáveis. Quem é que não conhece o nosso querido conterrâneo Alcimar Monteiro, o escultor negro Simplício, o poeta Serra Azul, a Marica Macêdo ou o pintor Aldemir Martins, figuras emblemáticas que sempre honraram a nossa região.

Claramente, em Aurora se valoriza tudo aquilo que nos faz bem: dançar, cantar, sorrir, atuar, divertir-nos, pintar, esculpir, prosear e sonhar. Por isso o aurorense enaltece os eventos ocorridos cuidadosamente: Joias do Ano, a festa dos Filhos e Amigos de Aurora, a encenação da Via Sacra, a nossa SEMA (Semana de Educação Musical de Aurora), Festival de Repentistas, a Semana do Padroeiro, o nosso São João e a Semana do Município.

Hodiernamente, o nervo econômico de Aurora é composto por algumas vocações campistas, tais como: plantação de milho, feijão, alface, tomate, banana e batatinha doce, além das criações de gado, carneiro, ovelhas, porcos e galinhas, os quais são os principais meios vendistas daqueles que ainda derivam da terra para viver. Atualmente Aurora possui além da zona urbana (sede), cinquenta (50) comunidades rurais, sendo que quatro delas alcançaram a condição de distrito: Riacho Seco, Riacho Fundo, Malhada Funda, Marimba, Cabrito, Paul Branco, Gitirana, Araújo, Frado, Taboca, Oiticica, Marmeleiro, Sítio Tunga, Cajui, Santa Vitória (distrito), Tipi (distrito), Unha de Gato, Angico, Curralinho, Caboclo, Várgea de Pedra, Caatingueira, Ilha, Caiçara, Mocó, Ingazeiras (distrito), Calombi, Sítio Traíra, Santo Antônio, Mufumbo, Grossos, Coxá, Diamante, Cantis, Boa Vista, Baixa Verde, Solidade, Espinheiro, Emboscada, Trapiá, Jerimum, Martins, Vazantes, Franquilandia, Sítio Saco, Sítio Carro Quebrado, Sítio Volta, São Domingos, Tunga, Agrovila (distrito). Sendo que a cidade (sede) do município conta atualmente com nove bairros: Centro, Araçá, José Fernandes Campos (Conjunto Habitat - CNEC), José Freire do Amaral (Vila Freire), José Leite de Figueiredo - Zezé da Cruz (Alto da Cruz), Mororó, Recreio, São Benedito (Aurora Velha) e Vila Paulo Gonçalves.

O município ainda conta com quatro escolas estaduais, são elas: E.E.E.P. Leopoldina Gonçalves Quezado, Escola Profissionalizante de Tempo Integral, E.E.F. M. Monsenhor Vicente Bezerra, a mais antiga de toda a região do Cariri Cearense (atualmente hoje ela se encontra fechada), E.E.M.T.I Tabelião José Pinto Quezado, E.E.F.M. Padre Cícero (Ingazeiras). O município conta ainda com várias escolas municipais na sede, distritos e zona rural. As escolas municipais da sede são: E.E.I. F. Antônio Landim de Macêdo e E.E.I.F. Romão Sabiá, além de outros educandários como: Escola Paroquial Sr. Menino Deus (rede particular), Escola Turma da Mônica (rede particular), Escola Primavera (rede particular), Escolinha Pingo de Gente (rede particular).

2.2 Tempos Bons.

Agora o que pouco se conta é que nos anos 70 essa cidade pulsava em desenvolvimento econômico e industrial, o que a tornava um centro atrativo de produção e exportação de algodão para centros comerciais. Era o tempo áureo do ouro branco. Em tempos remotos, Aurora já vivia o seu auge do algodão, Amálio

Gonçalves relembra que: Na época da comercialização do algodão, Aurora parecia uma “festa”, com tropas de burros transportando o produto para as usinas, e estas injetando dinheiro no comércio varejista. (TAVARES, 1994, p.52).

Tudo começou assim, antes do período da ditadura militar, ou o chamado golpe de 64, em Aurora já se plantava e colhia o algodão, porém com outras demandas e finalidades, cumprir a necessidade de exportação para a produção de manufaturados mundo a fora, prestes a se tornar um dos principais produtos de subsistência como era o caso do milho, feijão e o arroz na época.

Todavia antes do cooperativismo, aqui nessas terras o algodão era comercializado com os usineiros, os quais também eram os responsáveis pelas ações credenciais⁵ com o homem do campo e a organização política da cidade, como por exemplo, o fornecimento das sementes e uma quantia em dinheiro o qual permitiria a instauração e o desenvolvimento da plantação.

Eram nesses estabelecimentos que eram feitas as negociações, diante das pessoas de Antônio Ricardo e Antônio Gonçalves Pinto (seu Tonheta), antigos proprietários das usinas “Santo Antônio” e “Santa Maria”, algo progressista para os tempos em que viviam 1950.

O registro das lembranças do senhor Francisco Pereira de Souza indica como se dava tais processos:

Era assim, tinha umas usinas ai, uma ali na rua sete que era do finado Paulo Gonçalves e tinha outra na rua da prefeitura que era do finado Antônio Ricardo, ali pegava aquele algodão [...] ai tinha as maquinas lá pra descaroçar tirar o caroço e fazer aquela lã, aquela lã, tinha umas prensas via lá como era que fazia [...] fazia aqueles fardos uns fardos grandes assim, ai tinha uns arames, ai eles enrolavam, enchia [...] ai depois que tinha aquela prensa que impressava e ficava bem arrochado [...] era mim lembro muito andava nas usinas lá de descaroçar o algodão, pra levar pra fora pra fazer os tecidos, não sei nem onde era que levava pra onde. (agricultor aposentado)⁶

As recordações e interpretações narradas por Seu Francisco são plenas de significados, pois ele vai aos poucos descrevendo o processo efervescente da produção do algodão, ele não hesita em dizer como se dava todo o processo

⁵ Que confere crédito a uma pessoa ou empresta dinheiro.

⁶ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

industrial, e a forma de descarregar e o imprimir faz parte de uma das suas lembranças mais nítidas.

Figura 08 - Usina Santo Antônio, Aurora - CE - 1960.



Fonte: Acervo do autor.

Com o trabalho digno e honesto frente às safras de algodão, o homem do campo há de ter conseguido alguma coisa, pois era algo mais rendoso e produtivo, dava pra ir movimentando e comprando alguma coisa, e o agricultor muitas vezes comprava a vestimenta, o remédio e o calçado, mas também há aqueles que de lucro não tiveram quase nada.

Na memória individual do senhor José Cícero, o algodão não perpassava as suas questões econômicas:

Nesse tempo a pessoa só fazia era trabalhar muito viu [...] e nada fazia na agricultura [...] logo que não tinha valor também nesse tempo o caba tirava um monte de algodão [...] só era pra trabalhar, só dava pra fazer a feirinha, movimentando uma coisa, mas ninguém fazia nada não. (Agricultor aposentado)⁷.

O que o senhor José Cícero comentou é verdade, mas isso certamente está atrelado àquelas situações que aqui chamamos de arrendamento ou taxa de meiação, onde os moradores das terras muitas vezes escoavam a maior parte de sua produção para o seu patrão, pois eram destes senhores que se conseguiam o dinheiro a juros para aquelas precisões, ou seja, necessidades do dia-a-dia.

Francisco Pereira (Seu Sousa), ao evocar suas recordações, evidencia-nos como tudo acontecia:

⁷ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

la lá no patrão no corretor que ele acostumado pra aquelas precisão, não ia tomar dinheiro pra andar fazendo coisa, comprando coisa que não era preciso [...]às vezes tava sem dinheiro precisava comprar um legume[...]ja lá no patrão ah vou querer que você mim arrumasse aí tanto que [...] lá em casa tá desprevenido não tem o legume lá, o alimento, aí ele arrumava e ali já ficava. Agora assim o juro nesse tempo era pouco mas ia aumentando sempre uma coisinha quando a pessoa ia pagar aquele algodão ele comprava naquele preço que era, mas tinha que descontar ali um jurozinho de uma coisa [...] aí ficava mais barato. (Agricultor aposentado)⁸.

Em sua narrativa, compreende-se que aquele empréstimo credenciário com os donos da terra se fazia necessário para assim suprir as suas necessidades alimentícias e financeiras, aquela colheita e produção de algodão ao final do ano necessariamente só pagava aquilo que já devia, pois a acumulação dos juros deixava o algodão para os corretores mais barato.

Certamente era o homem do campo que ficava com a menor fatia de sua produção, mas o que não se pode negar é que foi a forte vinculação da cotonicultura com a agricultura familiar que elevou o município a diversas diretrizes, pois o algodão em si era uma moeda forte. Ele foi o responsável pela ligação ou até mesmo a filiação com outras localidades, ou seja, cidades e estados como: Florianópolis, Joinville, Santa Catarina e São Paulo, que não eram mais tão distantes como se parecia. Os resultados da mão de obra dos agricultores aurorenses estavam sendo exportados, e assim formou-se uma complexa relação financeira em torno do nosso objeto de estudo.

Aqui nessas terras os pequenos produtores de algodão começavam a plantar logo cedo, quando a chuva batia, e logo entre setembro e outubro já se começava as colheitas, pois de junho para a julho era a colheita de outros alimentos provenientes da terra como é o caso do milho e do feijão.

Ao sair do campo, o algodão de caroço preto (mocó) era ensacado e armazenado no paiol⁹ para que posteriormente, após as repartições, fossem transportados para as usinas na cidade (CAMAL), seja em caminhões ou nas “tanjeiras” de burro. Muitas vezes isso acontecia e nas estradas de terra era bastante visível o movimento daqueles fretadores puxando as suas tropas de burro. Já aqueles que com quase nada ficavam, deixavam o transporte sobre a

⁸ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

⁹ Armazéns onde era depositado o algodão após colheita.

responsabilidade dos corretores ou do patrão, os quais muitas vezes traziam até a zona rural um caminhão.

Figura 09 - Caminhão da CAMAL carregado com sacos de algodão - 1970



Fonte: Acervo do autor.

Com sua aquiescência e principalmente com o advento da cooperativa local, Aurora por sua vez, ficou conhecida como uma das melhores potências agrícolas da região do Nordeste e não só do Ceará. Todo o algodão da cidade era depositado na cooperativa. Seja por corretores ou associados, era uma constante movimentação.

Era tinha aqueles prédios lá, tinha uns prédios grande, homi era cheio atopejado de saco de algodão, é andava no tempo da cooperativa, andava sempre por lá via os movimentos lá como era. (Francisco Pereira, agricultor aposentado).¹⁰

Com o uso de sua memória e mesmo sem ser um associado da Cooperativa Agrícola Mística de Aurora – CAMAL, o senhor Francisco Pereira nos descreve como se encontrava os estoques de algodão naquela usina, e era esse o atual crescimento estrutural que se encontrava naquelas instalações.

¹⁰ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

Figura 10 - Sacas de algodão depositado na Cooperativa, Aurora - Ce - 1975



Fonte: Acervo do autor.

Aqui nessas terras semiáridas e invernosas, o algodão pertencente à família dos arbóreos se alastrou pelos campos de Aurora, e por onde se passava era visível as plantações, a simplicidade dessa cultura e a sua capacidade de produção trouxe para alguns produtores a sua sobrevivência e algumas barganhas de pequeno ou médio porte.

Os bancos mesmo sem o atual fascínio devorador do trabalho alheio começavam a despertar o interesse por Aurora. As agências do então Banco do Estado do Ceará - BEC (inaugurada em 7 de novembro de 1976) e do Banco do Brasil (em 11 de novembro de 1982) foram providencialmente instaladas no centro comercial da cidade. Um sopro de progresso parecia varrer o município de uma ponta a outra. (CICERO, 2007, p.19).

Teve início, então, uma das maiores fases econômicas, estrutural e social de uma das pequenas cidades da região do cariri, que junto à instalação da linha ferril trouxe consigo um grande apogeu para a cidade em termos de instalações comerciais, assim descreve Tavares: “Aurorense que passou a contar com nove lojas de tecidos, uma loja de calçados, várias mercearias, dois bazares de miudezas e ferragens, uma livraria/papelaria, duas farmácias, duas padarias, duas alfaiatarias.” (TAVARES, 1994, p. 51). Um acontecimento de grande significação, principalmente em modalidades populacional, onde algumas pequenas instalações ajudaram a nossa cidade a crescer.

Béguin afirmou que se tratava de uma gigantesca “novidade”- a redução dos dados sensíveis da cidade a dados técnicos (topográficos, geológicos) e a transcrição da própria materialidade da cidade na representação conceitual do mapa em escala. (BRESCIANI, 2002, p. 25).

Portanto depreende-se que é possível realizar análises que contribuam para avançar na relação entre a história econômica e a história social, por conta de acontecimentos de curta, média ou longa duração:

A incrementar este recuo, os últimos 25 anos assistiram ao aparecimento de críticas cada vez mais contundentes ao tipo de reflexão em meio ao qual era produzida a história econômica. O que se traduziu, logicamente, em um questionamento mais e mais acentuado aos dois principais paradigmas explicativos sobre os quais se erigia a investigação histórica de ponta nas décadas de 1950 e 1960: a escola dos Annales e a historiografia marxista. Em termos gerais, o que os unia era a preocupação com a longa duração e a ênfase nas estruturas econômico-sociais para a compreensão das sociedades, locus privilegiado até mesmo para a compreensão da política e da cultura. (FRAGOSO, FLORENTINO, 1997, p. 55-56).

O algodão era algo satisfatório para os fornecedores industriais, a arroba pesava em média de 20 Kg e as sementes eram fornecidas pelos proprietários das terras aos trabalhadores, e se o “cabra” fosse bom de colheita e se tivesse muito algodão, dava pra colher em média de 20 a 40 arrobas de algodão por dia. O algodão era algo democrático: homens, mulheres e crianças também entravam na labuta, a cotonicultura era pra todo mundo.

Eles mesmo que arrumava a semente, os patrão né para plantar[...] era aquele algodão preto né, algodão pretão pras capoeiras que nesse tempo havia o algodão de capoeira, hoje em dia esse povo mais novo não sabe nem o que é né. (José Cicero, agricultor aposentado)

[...] levava as criancinhas pra roça as vezes pra não ficar em casa aperreando as mães e outra pra ir ensinando, eu mesmo tenho Maria e tenho o galego era pequeno e eu comprei umas roçadeirinhas e o povo reclamava homi tu é doído Sousa levar esses menino pra roça um ainda deu um goipin na canela o galego [...] mas foram aprendendo. (Francisco Pereira de Sousa, agricultor aposentado)¹¹

O que se percebe é que, frente a cultura do algodão, os outros meios de subsistências não vigoravam e se transformaram em culturas secundárias, as quais basicamente eram plantadas só para comer o arroz, o milho e o feijão, culturas que não eram escassas, mas se tornaram algo mais barato.

¹¹ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

Tudo era barato, uma vez eu mesmo fui vender um feijão lá em ciscunha [...] ta com tempo isso né, ai cheguei lá eles não queriam nem de graça homi (risos) era desse jeito (risos). (José Cicero, Agricultor aposentado).¹²

2.3 O sistema cooperativista e os seus protagonistas

Vale destacar que por conta do tamanho beneficiamento do sistema cooperativista e ao que se remetem as suas filiações, Aurora chegou a instalar representações em algumas cidades do Ceará como também da Paraíba, entre elas estão: Milagres, Ipaumirim, Mauriti, Barro e São José de Piranha - PB. No mundo, em termos de igualdade e produção:

A Primeira cooperativa de que se tem notícia foi fundada em Manchester (1844) por 28 tecelões que, reunindo suas economias, montaram um armazém, a sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale, dando origem a um modelo econômico dito alternativo e pragmáticos dos princípios da igualdade, liberdade, ética e justiça, destinado a difundir a eficiência junto a organização social, em busca de objetivos comuns. (MENDONÇA, 2008, p. 12).

Mas, como se sabe, o sistema cooperativo foi uma solução ao escurecimento de uma crise econômica dos setores usineiros em várias regiões, principalmente aqui no Ceará. Não muito diferente de outras localidades, as forças políticas aderiram aqui nessas terras tal implemento. Então indústrias como a Anderson-Clayton e Samba abriram espaço para o cooperativismo, os seus subsídios e financiamentos atraíram a população, pois carregava junto a ela as chamadas escolas de campos e a associação daqueles pequenos homens do campo e proprietários rurais.

Mas com a sua instalação aqui em Aurora em meados dos anos 70, algumas famílias aderiram a ela e outras não, e muitos, em vez de se associar preferiram ficar subordinados ao patrão a se subsidiar daquela instituição hierárquica que pertencia ao Estado. O que se houve de bom é que nela se encontrava os retornos anuais, mas também era nela que se encontravam a negação das elites políticas, diretores e grandes gestores, pois eram eles quem de fato mandava, e o pequeno agricultor ia dizer o quê?

¹² Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

Figura 11 - Ficha de um ex-associado



Fonte: Acervo do autor.

Mas se associando ou não, era nesse tempo que Aurora se encontrava coberta pelos os capuchos de algodão, e em tempos de colheita eram os corretores que compravam o algodão daqueles que não eram associados, certamente por um valor minoritário e depositavam na cooperativa local sobre a aderência de um preço de mercado. Francisco Pereira nos relembra bem:

[...] Na redondeza nos municípios tinha aqueles corretores, comprava né, era pra levar pra lá, nos sítios aqui tinha Raimundo Viturino ali, mas Raimundo Viturino já foi pra a cooperativa, comprava algodão nessa região de grossos, barraca, aqui a redor ai muitos levavam, mas a maioria né, aqui mesmo, ele tinha os armazéns ai, armazenava ai depois transportava pra cooperativa. (Agricultor aposentado).¹³

O que se percebe na fala do depoente é que, mesmo tão distante do sistema cooperativista, ele se fazia tão presente, pois como ele não procurava a cooperativa, ela de uma forma indireta o procurava por meio dos chamados corretores¹⁴, ou seja, as safras de algodão dos pequenos agricultores estavam diretamente sendo injetadas na cooperativa local.

¹³ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

¹⁴ Compradores de algodão.

Figura 12 - Sacas de algodão após colheita, Aurora - CE -1975.



Fonte: Acervo do autor.

Eram dias e dias de luta, tinha serviço para todo mundo, era uma vasta mão de obra. No primeiro ano, na maior parte das vezes, não dava nada, pois não era algodão novo, mas do segundo ano em diante a produção já era mais eficiente, então acordar as quatro horas da manhã já era algo que fazia parte das nossas labutas.: “[...] ai do mês de São João por diante o caba reparava pra essas cerras por todo canto o caba via as capoeiras tudo alvas de algodão né”. (José Cicero, agricultor aposentado)¹⁵.

De fato, o cultivo dessa cultura representou uma das principais atividades econômicas, tendo sido grande parte da geração de emprego e renda na região. Neste sentido, o crescimento de muitas cidades do estado do Ceará e do Nordeste está diretamente relacionado com a produção de algodão, que alcançou o auge na década de 1970. O plantio, colheita, comercialização e beneficiamento do ouro branco do Nordeste trouxe riqueza para as indústrias e ocupação familiar.

A tradição antropológica traz, entre outras características, a valorização do trabalho de campo com o contato próximo, direto e relativamente prolongado com grupos, comunidades e segmentos sociais. Pretende-se, com isso, ir além da superfície e das aparências, procurando captar os significados da ação social e buscando perceber as visões de mundo que associam-se a identidades e desempenhos sociais. (VELHO, 2002, p.40).

Nesses moldes, a cooperativa encontrava em Aurora o seu novo alojamento, o apoio dos pequenos agricultores familiares era de extrema importância, pois apesar de ser uma estrutura do estado e de líderes políticos, era o homem do

¹⁵ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

campo que garantia o seu desenvolvimento, mas para somar liderança e alicerçar melhor tal incremento, a instituição contou com alguns apoios administrativos:

Outra participação no apoio à cooperativa, tanto no funcionamento administrativo quanto em técnicas agrícolas, foi a do Sr. José Luciano da Silva, técnico agrícola e extensionista da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR), que prestou auxílio de 1969 a 1976, período em que se mudou para esse município com sua família. Nas primeiras reuniões em 1969, o técnico secretariou reuniões e coordenou a escolha dos nomes a serem votados para compor a Diretoria da instituição. No decorrer da década seguinte sua participação tornou-se efetiva e a ANCAR o deixou à disposição da CAMAL. (LUNA, 2019, p.35).

A valorização era atribuída, e a movimentação em Aurora se fazia cada vez mais constante em torno da agricultura e do comércio, ou seja, a moeda que aqui circulava era proveniente das grandes negociações provindas dos agricultores, usineiros e intermediários.

CAPITULO III

ALGODÃO E MEMÓRIA

Segundo Daniel (2013) ao citar indiretamente Halbwachs diz que, “as memórias individuais se constituem a partir de quadros fornecidos - ou impostos - pelo meio social. Esses são os chamados quadros sociais da memória, que funcionam como pontos de referência para a construção subjetiva de lembranças” (p. 06). Nesse caso, seletivamente, a nossa memória destaca quais pessoas, lugares ou personagens merecem ou não ser lembrados, principalmente se tais memórias individuais ou coletivas nos trouxerem alguma angústia ou afetividade. Em caráter de própria experiência em minha família, as lembranças de meu avô sempre oscilavam entre orgulho e revolta, e entusiasmado, ele narra:

[...] uma vez em dezembro eu plantei foi uma roça né, ai era oito tarefas de roça né, ai a terra bem queimada né [...] quando entrou dezembro eu plantei a roça todinha de mio e feijão né, ai eu digo agora eu vou plantar o algodão, meti a chibanca pra cima, cavei ela todinha [...] no dia que eu terminei de plantar o algodão quando foi de noite caiu água, quando nasceu foi uma beleza viu, era mio com feijão e algodão e tudo né, roça nova em oito tarefa né. (José Cícero, agricultor aposentado)¹⁶.

É nítido o seu entusiasmo ao mencionar que eram oito tarefas e que quando nasceu foi uma beleza, mas ao transcorrer da entrevista também nos deparamos com os momentos de angústia pós-colheita e toda produção, quando o mesmo é questionado sobre a venda e preço do algodão, e ele descreve “*era barato demais [...] eu nem sei nem quanto era não, era cruzeiro nesse tempo nera, era coisinha barata, era coisinha fraca*”. (José Cícero, agricultor aposentado)¹⁷.

Observamos, portanto, tendências de reconfiguração que contrariam o que o senhor José Cícero diz, referentes em uma **Ata da reunião do Conselho Fiscal da Cooperativa Agrícola Mista de Aurora Ltda**, realizada em sua sede social, às 19h30min, do dia 10 (dez) de agosto de 1974: “iniciada a reunião o sr. Gerente informou que a coaurora resolveu adiantar 40,00 cruzeiros por arroba de algodão mocó e 36,00 cruzeiros por arroba de algodão herbáceo”¹⁸.

¹⁶ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ *Idem*.

A cultura do “Mocó” constitui um gênero de vida resultante da adaptação do homem e da agricultura às condições da natureza. Ela contribui para o aparecimento de uma agricultura ligada a pecuária, precisamente num âmbito onde outra qualquer economia não teria condições de subsistir. (PINHEIRO, 2010 p.45).

Os dados indicam que o algodão tinha até um preço bem valorativo no mercado para aqueles que eram associados ou vendiam diretamente seu algodão à cooperativa. Ao questionar o senhor Francisco Pereira (agricultor aposentado) o porquê de nunca ter se associado à CAMAL de Aurora, eu o escuto dizer: *“porque nunca fui procurado, porque trabalhava aí mais o patrão e ele comprava o algodão e eu vendia o meu algodão a ele, ele transportava [...] era ele que fazia negócio lá em seu nome, aí vinha aqueles partidinhos pra você assinar”*. Mas quando trabalhamos com memórias distintas, é necessário que haja um conjunto relacional e de concordância entre os entrevistados para que os fatos sejam averiguados com mais clareza, por isso fiz a mesma pergunta ao senhor José Cicero, que disse: *“Eu era fora não tinha negócio de cooperativa não né [...] porque eu era morador né [...] a safra de algodão quem ficava era o patrão né, então ficava tudo no paiol do patrão lá né”*. (agricultor aposentado)¹⁹.

Mas o que justifica a riqueza ou melhores condições de vida de outrem e não a desses pequenos produtores familiares campistas era o aspecto social e creditistas em que eles viviam, referindo aqui dois fatores: primeiro a necessidade de empréstimos com os patrões para a plantação e até mesmo muitas vezes para garantir a alimentação familiar ao decorrer do inverno, nesse caso o produtor mesmo antes de começar a colher já trabalhava todo o inverno devendo a sua produção, e segundo, por muitas vezes venderem todas as suas produções ao preço de banana para os gananciosos e sábios corretores que vendiam o ouro branco por preços mais justos no mercado. O senhor José Cicero é sincero e faz menção ao que está descrito nesse trabalho sobre a sua produção *“jogava lá no paiol dele né [...] só chegava com o algodão e deixava tudo lá”* (agricultor aposentado)²⁰.

Como a memória sempre parte do presente e busca resgatar algo do passado, esses senhores individualmente se sentem mais à vontade de expressar tudo aquilo que vivenciaram em tempos remotos, não há amarras em seu presente

¹⁹ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

²⁰ *Idem*.

que interfiram ou que silenciem seus discursos, até porque muitos desses entrevistados são pessoas com mais de 74 anos de idade e hoje já não vivem mais como moradores e zeladores de terras para alguma elite senhorial.

Na abordagem durkheimiana, o comportamento do indivíduo é determinado por fatores que se impõem a ele desde o meio externo, tendência seguida por Halbwachs em sua abordagem sobre memória. (DANIEL, 2013, p.03).

3.1 O valor socioeconômico do algodão: perspectivas de vida, produção e subsistência frente a sua cultura.

Na época do algodão era animado, no tempo do algodão era dinheiro fácil demais, todo mundo quando era janeiro pegava dinheiro pra plantar as roças, roçar o algodão, aí quando era no tempo que ia catar [...] ia vendendo o algodão e brincando era gente demais aqui na rua. (Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado).²¹

Essa narrativa relaciona como se dava o contato entre o homem do campo e o comércio do algodão, e são nítidas e entusiásticas as palavras na narrativa do senhor Francisco ao nos descrever que no tempo do algodão “*era dinheiro fácil demais*”. O algodão seria a chave mestre e combustão para toda a movimentação e distribuição econômica que aqui vislumbrava.

A história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (FERREIRA, AMADO, 1996, p. 16).

Muito expressivo e cordial em seus informes, o depoente ainda nos descreve sobre o movimento populacional que na sede da cidade se encontrava “*era gente demais aqui na rua*”, narrativa essa que se inter-relaciona com os escritos do nosso conterrâneo Amarílio Gonçalves quando descreve em seu livro que no tempo do algodão “*Aurora percia uma festa*”.

A ideia de progresso subjetivamente veio junto com a instalação da CAMAL aqui nessa cidade, pois em seu interim nos deparamos com um conjunto de relações as quais de forma direta ou indiretamente beneficiava aqueles que do campo viviam e do algodão colhiam, mas notoriamente os associados daquela instituição é que mais gozavam do seu desenvolvimento.

²¹ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

Em um dos estatutos da CAMAL estavam algumas das suas principais atribuições para promover a ascensão econômica a qual aqui foi delineada:

§1º - Para a consecução de seus objetivos, a Cooperativa deve:

- a) transportar, sempre que possível, do local da produção para as suas dependências, os produtos agropecuários de seus associados;
- b) beneficiar, padronizar, armazenar e industrializar os produtos, e registrar as marcas, quando for o caso;
- c) adquirir, para fornecimento ao quadro social, na medida em que o interesse socioeconômico o aconselhar, bens de produção agropecuária, tais como: sementes, rações, fertilizantes, inseticidas, máquinas e implementos, produtos veterinários etc., e, em determinadas circunstâncias, gêneros e artigos de uso doméstico e pessoal;
- d) proceder à produção de artigos destinados ao abastecimento dos seus associados, através de processos de transformação, beneficiamento, industrialização e/ou embalagem;
- e) atender às necessidades de recursos financeiros dos associados, destinadas às suas atividades rurais, desde que enquadradas nas modalidades e finalidades previstas na legislação vigente.

Em Aurora, o plantio de algodão já era algo comum, mas a cooperativa agrícola só veio para somar e alavancar o seu desenvolvimento. Nesses cerrotes e terras tratadas por cultivadores só se via algodão, seja ele branco ou preto. Com suas características de uma produção capitalista, o ouro branco trouxe as melhorias, enaltecimentos e conquistas para algumas famílias agrícolas. O senhor José Cícero e Francisco Ferreira Pinto são provas vivas, e em seus relatos pode-se encontrar o que firma o presente trabalho:

Eu comprei aquela casa lá do araçá, nem lembro quanto foi, mas foi barato demais, coisa pouca, ia comprar um chão também, mas tive que pagar o patrão, mas do dinheiro do algodão saldei essa casa. (José Cícero, agricultor aposentado).²²

Em outra memória, a prosperidade também foi delimitada pela conquista de alguns outros bens e de sua casa, percepções as quais se volta para o processo que envolvia a parte do beneficiamento do algodão realizada em Aurora:

Eu cheguei comprar chão de casa, construir casa, aqui na rua mesmo eu construí casa com dinheiro do algodão, movimentava assim, comprava um bicho, uma vaca, um animal, de qualquer

²² Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

maneira a gente todo ano tirava um pouquinho, nunca ficava sem nada não. (Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado).²³

O que se percebe é que as relações trabalhistas do homem do campo se sobressaíram frente à cultura do algodão, o trabalho familiar dos pequenos agricultores era bastante resultante, só não vigorava aquele que não queria de forma alguma trabalhar, pois as terras eram bem específicas, sejam elas de toco ou de baixio, o tratado e especificação de cada algodão também é questionado para uma maior produção; sobre o algodão branco (herbáceo) o senhor Francisco Ferreira nos atenta quando nos diz que: *“o algodão branco a gente fazia o campo [...] ou então nos baixio [...] o algodão branco na pedra ele não dava que prestasse não, só se fosse tombada a terra”²⁴*. Diferentemente do anterior, o arbóreo se adaptava às condições semiáridas. *“Nois plantava assim quem fosse plantar algodão preto era nas roças de toco, blocava aquelas matas e plantava o legume e o algodão”*. (Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado).

A cultura do algodão se expandiu e acabou se tornando algo bastante adaptável para o pequeno produtor, colaborando com o supracitado do senhor Francisco (Seu Pintinho). Deodato Pinheiro também não deixa de colaborar para essa produção quando nos fala que *“a cultura anual [...] o algodoeiro é cultivado, de preferência, nos terrenos aluvionares dos rios [...] terras de baixios de ambos os lados do rio da Paraíba, ao sudoeste do Maranhão [...] zona litoral do Ceará”*. (PINHEIRO, 2010, p. 38).

Ao sair do campo, toda a produção era efetuada, nas estradas o pessoal sempre se deparava com uma caminhonete *Toyota* do senhor Raimundo Viturino, um dos principais corretores de algodão aqui dessa região, o qual residia ali no sítio Várzea de Pedra, e sempre vivia no seu vai e vem, atrás de negociar aquelas colheitas e logo em seguida depositá-la ou revendê-la para onde tinha mais valor (com a cooperativa), local este que de fato se encontrava todo o equipamento necessário para a separação do algodão em caroço e da pluma.

²³ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

²⁴ *Idem*.

Figura 13 - Maquinas de separação na Cooperativa



Fonte: Acervo do autor.

Na imagem acima nos deparamos com uma das partes internas da cooperativa onde de fato era feito todo o trabalho maquinário, e como se pode visualizar, era uma grande prensa que fazia todo o procedimento do separamento da fibra e esmagamento do caroço para outras determinadas ações secundárias as quais também eram oriundas do algodão, como exemplo a fabricação do resíduo animal e a fabricação do óleo.

[...] eles faziam o resíduo e davam pro gado, ainda hoje existe só que hoje é caro demais [...] antigamente todo mundo comprava que era cruzeiro, às vezes metade de um cruzeiro [...] era feito do algodão, do caroço do algodão, do caroço faz óleo, eles fabricavam o algodão aqui, descarçava aí tinha umas máquinas que moía só não refinava, levava aquela molda pra lá, lá eles refinavam e traziam o óleo feito pra cooperativa. (Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado).

Certamente o sistema cotonícola não era apenas adaptável ao pequeno produtor, mas correspondia a todo um sistema industrial e comercial, como também a aqueles proprietários que cediam seus terrenos a aqueles agricultores que não tinham terras próprias para plantar. Nessa ocasião, o sistema agrícola familiar tinha que se enquadrar ao que anteriormente se chamava de taxa de meiação, onde o agricultor pós-colheita cedia a metade da sua produção para aquele que lhe havia cedido a terra para plantar.

Nas memórias narradas, a prevalência de uma enorme produção e de uma benéfica cultura prevalecia o algodão, sempre foi sinônimo de alegria e muito trabalho, **em uma Ata da reunião do Conselho Fiscal, da Cooperativa Agrícola Mista de Aurora Ltda, as 20h (vinte horas), do dia 14 (quatorze) de fevereiro de 1976** “reuniu-se ordinariamente na sede desta cooperativa, o seu conselho fiscal, com a presença de todos os membros, dando início aos trabalhos o senhor Edilson Tavares da Cruz procurou saber qual a quantidade de algodão em caroço recebido pela coaurora na safra 1975/1976, e então o senhor gerente lhe informou que tinha sido aproximadamente **4.000.000,00 (quatro milhões) de quilos**”. A argumentação empregada em termo de quantidade se enquadra nas memórias do nosso depoente, quando diz:

Eu lembro que a cooperativa os caba botava o algodão de lado de fora que os depósitos não cabiam, botava aqueles muder de algodão era de lado de fora, as sacarias, porque não cabia dentro dos depósitos [...] descarçava o algodão pra fazer a lâ daí já levava de lá pra fora [...] botava os sacos era no meio, arredo da cooperativa.
(Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado).²⁵

Fornecido pelo desempenho e suor dos agricultores familiares de Aurora, o algodão ganhou grandes proporções de mercado, o preço da lâ diante dos grandes setores se encontrava com um valor bem efetivo. Ainda em uma **Ata da reunião do Conselho Fiscal, da Cooperativa Agrícola Mista de Aurora Ltda**, o referido conselheiro desejou saber a situação do mercado do algodão em pluma. Prontamente o senhor Olavo Leite de Macêdo lhe adiantou que atualmente o preço da arroba de pluma estava numa base de Cr\$ 210.00 (duzentos e dez cruzeiros) e que o mercado se encontrava normal e com muitas perspectivas.

O que se percebe é que o valor que se era atribuído à arroba da pluma do algodão era algo de grande proporção para aquela entidade a qual vendia para os centros industriais e comerciais, certo que fica nítido que esse valor era pós a separação do caroço e da fibra, mas a produção e venda daqueles que colhiam não mereciam um pouco mais de reconhecimento no mercado? Tinha que ser bem mais barato assim? Na fala de alguns dos depoentes presentes aqui nesse trabalho, houve a constatação com os valores da venda das suas produções, seja diretamente para a cooperativa ou para os seus corretores: “*a gente vai distraindo né [...] era barato o algodão, mas a gente vendia lá pra aqueles que compravam pra*

²⁵ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

revender de novo lá, aí eles já vendiam mais caro [...] era assim". (Francisco Pereira de Sousa, agricultor aposentado)²⁶. A inadequação dos valores financeiros ainda se encontra nas narrações de outro depoente, *"a arroba nesse tempo se fosse era um real, um real e meio, um cruzeiro e meio que era por cruzeiro"*. (Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado).

Ao modo que nos deparamos com as lembranças positivas também nos adentramos às negativas, uma vez que recordar o passado é isso, um conjunto de interpretações voltadas a determinadas situações. Diante do agricultor, o algodão surgiu mais para suprir as suas maiores necessidades, contemplando-os com determinados produtos que a terra não lhes podiam fornecer, remédios, vestimentas entre outras barganhas.

Nesse tempo a gente só usava mais o algodão pra gente viver, agora a gente plantava o legume só pra despesa da casa se a gente tirasse muito milho guardava pro outro ano pra da um bicho, já arriscando também se o inverno fosse fraco o caba já tinha dentro de casa, nossa diversão era só com algodão mesmo [...] a compra de café, açúcar que a gente comprava pra dentro de casa era só com o algodão. (Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado).

3.2 Inseto infeliz: Declínio do sistema econômico da cidade.

Por onde o caba andasse só se via as capoeiras de algodão, era alvo né, baixio, serra, por todo canto. Serrona o caba reparava assim via alvo, alvo de algodão né, quando era do mês do São João por diante começava a abrir os algodão, mas quando o bicudo veio, aí pronto acabou com tudo né. (José Cícero, agricultor aposentado).

Ao recordar as condições em que vivia, o senhor José Cícero traz à tona em suas lembranças o enaltecimento da cultura do algodão plantado aqui nessas terras, mas ainda em sua fala foi possível encontrar pontos de intercessão e discrepância diante da existência do empestado do bicudo dentre as lavouras do algodão, que, como o depoente mesmo fala, acabou-se tudo, que inseto miserável era este que mesmo tão pequeno foi capaz de acabar tamanha produção. Seria aqui o fim das provisões daqueles que viviam ali no campo? Ao ser questionado, o senhor Francisco Ferreira Pinto nos afirmou que *"O caba não falava em outra coisa não, era só algodão e algodão, depois que o algodão acabou matou o pobre, o algodão aqui era a renda do mundo"* (agricultor aposentado)²⁷.

²⁶ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

²⁷ *Idem*.

Figura 14 - Centro comercial, Aurora- CE.



Fonte: Acervo do autor.

Entre os informes contidos, o que se percebe nas lembranças dos entrevistados é que a todo o momento eles se voltaram a tratar da importância do algodão para o desenvolvimento socioeconômico da cidade como também para si, após analisarem as consequências ocasionadas por tal inseto. Culturas como o milho, arroz e feijão não eram suficientes para suprir o desbravamento do preço de mercado que se encontravam no algodão, os supracitados eram mais para sobreviver, e com a decadência do ouro branco aqui nessas terras o mercado sentiu em peso a falta do seu valor, e sem nenhum plano de combate o homem do campo e toda a população de uma cidade enxerga ali o fim daquilo que na maioria das vezes garantia o sistema crediarista para muitas famílias aurorenses.

Amarílio Gonçalves nos reporta tal acontecimento, assim expondo o início do declínio do algodão:

O comércio de Aurora que era bastante ativo começou a declinar nos anos setenta quando ocorreu o fechamento das usinas, vindo depois à desativação dos trens da Rede de viação Cearense. O forte da agricultura era o algodão, mas foi dizimado pela praga do bicudo. Começou então o desemprego, e muitos aurorenses emigraram para o sul do país e para a capital do estado. (TAVARES, 1994, p. 52).

Nas memórias desse autor, alguns fatores foram cruciais para a exoneração e o fim do algodão, iniciando ainda mesmo nos anos setenta. Um ponto que merece menção é o fato do fim da rede da viação (trem) que havia sido fundada na região

em meados dos anos de 1920, pois a mesma era capaz de transportar de forma rápida e benéfica alguns produtos industrializados que aqui ainda não se faziam tão presentes, como também o encurtamento de negociação de compras e vendas com as cidades vizinhas. A venda e compra de tecidos para a fabricação das vestimentas também merecem destaque.

Figura 15 - Inauguração da Linha Férrea (1920), Aurora - CE.



Fonte: Acervo do autor.

Em suas recordações o senhor Francisco Pereira rememora a circulação das pessoas e o enaltecimento dos dias de feiras e compras de tecido na cidade:

Era assim [...] tinha os dias da feira né às vezes era no sábado, era no domingo, há era um movimento de gente [...] na época do algodão o pessoal vendia, tinha aquelas lojas, nesse tempo não tinha loja de vender a roupa feita. Agora tinha as lojas do povo, tinha Vicente Tavares [...] a pessoa comprava o tecido pra mandar as pessoas fazer numa cidade, no sítio, tinha muita gente que fazia roupa. (agricultor aposentado).²⁸

Nessas bases, percebe-se que o início da estrutura social em Aurora se constitui em torno da cultura do algodão, algo bastante representativo para o início dos primeiros anos já do século XX. Nesses moldes, o crescimento de Aurora foi acontecendo de forma gradativa e certamente o desaparecimento de tal cultura provocou grandes mudanças na vida da população aurorense, onde a narrativa do senhor José Cícero reforça: “O algodão [...] era mais melhor né, porque tinha as

²⁸ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

safronas de algodão nera, era quando o caba vinha pegar em algum dinheirinho, algum tostão na mão direto, porque tinha algodão”. (agricultor aposentado)²⁹.

Na frase supracitada do depoente, percebe-se a relevância que o algodão tinha para a cidade e para os agricultores e foi nesse sentido que a vida e a dignidade dos homens do campo passaram a ser extremamente confrontadas, em que muitos deles chegaram a se esvaír do campo por conta do miserável inseto, pois já não enxergavam mais ali um próximo janeiro em suas terras, já que tal manufaturado garantia a segurança do pão de cada dia daqueles que de pele tostada após dias ensolarados os produziam.

Intrigados com a situação, alguns pais de famílias necessariamente emigraram para regiões do sul e até mesmo para a capital cearense, pois não conseguiam enxergar mais ali os seus meios de provisão, os bons tempos estariam abrindo espaço para a bancarrota por não acreditar mais nas veias de abastecimento, e assim a luta se seguia, onde uma pequena praga acompanhada de sua população vence o produtor.

Para aqueles que aqui ficaram teimosamente, ainda procuraram se adentrar a outros meios alternativos para a sua subsistência, mas o período de fartura e deslumbramento já havia chegado ao seu fim:

A corrida aos empréstimos bancários também ajudou a deteriorar ainda mais a situação do nosso produtor rural pós-declínio algodoeiro. Alguns completamente deslumbrados pela febre do algodão, como dizem por aqui, acabaram metendo os pés pelas mãos. Na ânsia de multiplicar sua margem de lucro passaram a contrair empréstimos vultosos que com o passar dos anos tornaram-se impagáveis. [...] estava decretado a partir dali, o fim da utopia agrícola pela qual Aurora se imaginou um dia poder ser grande, próspera. Um modelo de produção no cariri. (CICERO, 2007, p. 21).

A crise algodoeira trouxe suas consequências frente à produção daqueles produtos meramente conhecidos como os meios de subsistência no campo rural (arroz, milho, feijão), afinal eles não garantiam a alimentação ou serviriam como uma renda alternativa?

Nesse tempo a gente só usava mais o algodão pra gente viver, agora a gente plantava o legume só pra despesa da casa, se a gente tirasse muito mio guardava pro outro ano pra da um bicho, já

²⁹ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

arriscando também se o inverno fosse fraco o caba já tinha dentro de casa. Nossa diversão era só com algodão mesmo, pra nós a compra de café, açuca [...] pra dentro de casa era só com algodão [...] feijão, fava, arroz tudo a gente plantava, nós só botava pra despesa da casa mesmo. (Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado).³⁰

Diante das enormes necessidades alimentícias, o algodão era visto como a chave mestra para a população campista aurorense, pois era ele que garantia a compra de alguns produtos industrializados, como acima foram citados, produtos como o açúcar e o café eram sinônimos de diversão para aqueles que na maioria dos casos derivavam da terra para sobreviver, pois os agricultores da terra como o milho, arroz e feijão estavam voltados mais para a alimentação familiar e criação animal.

Já o bicudo virou notícia e conversa ruim, mas, certamente, não seria fracasso ou a ausência estimulativa do homem em um cenário onde o nível de esforço individual ou até mesmo de um corpo político se deixaria vencer por uma praga que de primeira impressão deixaria marcada a sua improdutividade em meio as suas produções insatisfatórias. Era o extermínio dos botões florais, um cenário econômico altamente desfavorável para aqueles que ainda carregavam em sua incumbência a esperança de uma próxima colheita, um ofensivo início excruciante e desesperador que não tardaria a atingir seu ápice, pois as aniquilações eram bastante visíveis.

Francisco Ferreira Pinto mais uma vez nos rememora e nos narra como se apresentava tal situação diante do inseto popularmente conhecido como o bicudo do algodoeiro:

Veneno não matava, nós passemos muito veneno nele mais nunca matava, o caba botava veneno nele aqui ele avoava pra outro canto, que ele é um inseto infeliz que ele avoa, [...] quando o caba sai da roça ele volta de novo, veneno nunca teve jeito de matar o bicudo[...] ai nós paremos por isso mas se não fosse o bicudo ainda hoje nós plantava e era uma coisa que dava dinheiro. (agricultor aposentado).³¹

Nesse tocante, chamamos atenção para as convergências que se encontram nos depoimentos dos protagonistas para tal História, onde todos colocam a prática da agricultura cotonícola como a única responsável pelo o desenvolvimento

³⁰ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

³¹ *Idem.*

econômico e social, que de forma direta ou indireta afloravam os seus devidos fins, ou seja, em uma região tradicionalmente caracterizada pelo latifúndio e oriunda de uma extrema e excelente força braçal daqueles que produziam, o algodão foi capaz de vivenciar e alavancar a construção e movimentação demográfica que timidamente aqui existia.

As coisas tudo era barato, você vendia uma arroba de algodão por um cruzeiro naquele tempo, você comprava um saco de arroz [...] um saco de 60 kg [...] você chegar e comprar uma casa por quatro contos, que hoje é dinheiro demais uma casa, qualquer casinha hoje é um absurdo [...] ficava todo mundo satisfeito porque as coisas era barato [...] você com um cruzeiro fazia uma feira que dava pra passar a semana em casa. (Francisco Ferreira Pinto, agricultor aposentado)³².

Foi na trilha desses rastros que muitos agricultores ainda conseguiram lucrar alguma coisa com o trabalho do algodão; afirmamos isso porque na citação anterior o entrevistado nos traz a baila de como era investido o seu lucro da produção de algodão e, constituindo parte importante desse sistema, notamos que foi com a fervência e produção do algodão que a cidade pode ter aumentado e crescido demograficamente em termos de construção edificais.

A materialidade urbanística passaria a tomar conta daquilo que eram apenas vastas glebas de terras, pontos comerciais e jurídicos aqui passariam a existir, o mercado público hoje ainda situado na Rua Santos Dumont e a antiga delegacia que antes se encontrava vizinho onde hoje é o atual Banco do Brasil são exemplos dessa prosperidade. Mas era na Rua Santos Dumont que o comércio de fato acontecia:

Nos anos 40, a Rua Santos Dumont ou rua do comércio sediava os principais estabelecimentos comerciais da cidade. De frente para o leste, descendo, contavam-se os seguintes estabelecimentos: lojas de tecidos de Solon Alves e de Vicente Gonçalves, a padaria de Antônio padeiro (Antônio Leandro), a quem sucedeu José Leite Teixeira, na esquina, ao lado, a farmácia de Barbosa Lima, continuando, encontravam-se a loja de tecidos de Sebastião Alves, o bar de Elvira Sá, a loja de João Leite e a de Vicente Tavares. (TAVARES, 1994, p.45).

³² Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

Figura 16 - Rua Santos Dumont



Fonte: Acervo do autor.

Feitas essas considerações sobre tal fenômeno, o senhor Francisco Ferreira Pinto nos emerge qual foi o resultado desta cultura para muitos que aqui ficaram após a chegada do bicudo e a decadência do algodão:

Na verdade quem ajudava na cidade era ele né, agora quem se cuidou ainda hoje tem lembrança do algodão e quem jogou atoa não tem mais nada, mas tem muita gente aqui na cidade que tem ainda herança do algodão [...] comprava um chão de casa às vezes comprava uma casa feita, ainda tem deles que tem. (agricultor aposentado)³³.

Essa forma de qualificar o algodão em meios às releituras das memórias que ainda se encontram ativas remete-se e contribuem para uma vasta documentação oral e descritiva para aqueles que ainda não se desfrutaram de tal História, pois as perguntas e curiosidades que foram levantadas provocaram nos narradores uma lembrança individual e coletiva de sua pessoa como ser interagente na economia algodoeira, pois apesar das táticas agrícolas da época serem um pouco arcaicas e frágeis, a agricultura familiar ainda prevaleceu nas zonas rurais desta cidade. Aurora é isso, uma cidade catalisadora de atenções, claramente pelo seu urbanismo ou certamente pela sua cultura.

Questões relevantes sobre as relações históricas, políticas, econômicas e sociais sobre esta cidade aqui puderam ser levantadas, as mudanças puderam ser notadas e os seus aspectos visuais bastantes visíveis, talvez aos olhos de outros

³³ Transcrição de trechos das entrevistas com agricultores aposentados da cidade de Aurora – CE.

historiadores nada aqui seja definitivo, mas o que se sabe é que aquele momento de fartura durou e perdurou até os anos 90 aqui nessas terras. O algodão é isso, uma brancura poderosa acarretada por bons tempos e grandes resultados.

3.3 Um espaço de produção e a urbanização da cidade.

E assim se remodela o cenário, hoje Aurora ainda se ressentida da economia algodoeira, mas atualmente se supre e vive por meios de outras finalidades, nada tão indelével como o ouro branco, mas por via daquele desamparo ocasionado pelo o tal bicudo, algo de novo era propício e forçoso. E ao cabo de alguns anos, Aurora foi crescendo e se transformando, outras formas de distração estavam por vir.

Hoje a cidade se encontra bem centralizada e organizada, não há indústrias grandes aqui, mas existe um povo com uma tremenda ânsia de trabalhar e viver, mas voltando as ocorrências naturais dos meios empregatícios, atualmente Aurora se ancora em alguns setores, entre eles os comerciantes da mais vasta variedade, autônomos (pedreiro, eletricitista, feirantes), vendedores, mecânicos, entregadores e servidores públicos.

Não deixando de esquecer da agricultura familiar, hoje bem distante da cultura que tanto os agradavam, o homem do campo procura viver da forma mais organizada e tranquila possível, na qual hoje muitos se suprem de alguns itens alimentares providos da terra. Temos como exemplo a plantação da banana, a plantação do milho, a plantação do feijão e a plantação de hortaliças, itens que ainda são bastante vendidos e depositados no mercado comercial por nossos agricultores.

Outro setor que ainda se encontra bastante ativo pelos nossos agricultores e até mesmo fazendeiros, são a venda de diversos animais para o setor alimentício. Em destaque está a venda de gado e porco, e a criação de cabras, ovelhas e galinhas. Entretanto, esses animais são bastante propícios para aqueles que os criam, pois podem ser vendidos e negociados ainda mesmo em vida ou abatidos, e o fato é que, de uma forma ou outra, todos eles geram alguma espécie de renda para aqueles que o produzem.

Ao comentar o clima social e político da nossa cidade, enxergamos que a vida e o movimento daqueles que se adentram na zona urbana, hoje se encontra bastante ativa e agitada, talvez por se tratar de um ambiente que está sempre em

constante crescimento e movimento, ou seja, Aurora já não é mais aquela pequena cidade que foi fundada lá no século XIX em 1883, e, diferentemente das pequenas casas e vilas, hoje ela tem grandes prédios, bairros e ruas.

Figura 17 - Vista aérea da cidade de Aurora – CE.



Fonte: Acervo da Secult

A imagem acima permite uma visualização parcial do espaço físico atual da cidade de Aurora - CE, em que nela observamos alguns pontos bastante atrativos que se delinearão e fizeram bastante parte da sua construção e formação, o Rio Salgado e mais a frente, em uma área já mais centralizada com muitas casas, praça e comércio em seu entorno, o nosso templo católico, ou seja, a igreja matriz, a qual se encontra ao lado da estátua do senhor menino Deus e do Centro Cultural Aldemir Martins.

Já na parte central da cidade, localizada na Avenida Antônio Ricardo, encontramos as ruas que dão acesso ao Sindicato dos Trabalhadores, ao banco central, a feira e ao antigo mercado, contíguas às referidas ruas, ou seja, ainda na avenida principal, encontramos a Prefeitura, a Secult e a antiga estação ferroviária, a qual aqui foi fundada em 1920. Neste sentido ao atravessarmos a linha férrea nos deparamos com o bairro Araçá e como chave de entrada nos deparamos logo com a câmara municipal e um espaço comercial dos diversos tipos alimentícios e varejistas.

Vencidos diversos obstáculos, no setor de atendimento na área da saúde, hoje Aurora conta com alguns pontos, dentre eles, o Hospital Geral Ignêz Andreazza localizado no Bairro São Benedito, a policlínica Dr. Acilon Gonçalves, localizada no Bairro Araçá e a equipe do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) localizada na Avenida Antônio Ricardo.

Evidentemente e diferentemente do que aqui já foi o coronelismo, hoje Aurora possui um corpo e um conjunto administrativo marcado pela liderança de alguns gestores políticos, ou seja, o prefeito, vice-prefeito e os vereadores, gestores estes que são responsáveis por toda uma organização social, política, desenvolvimentista e administrativa da nossa cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre o algodão, a taxa de meiação, a cooperativa, os corretores de algodão e a agricultura familiar, onde descobrimos que tal cultura em nossas terras foi bastante rica, porém marcada por altos e baixos, segundo os depoimentos de alguns dos nossos interlocutores. As reflexões apresentadas mostram que a queda do algodão teve como principal responsável um pequeno inseto denominado como bicudo, mas ao proceder das entrevistas também ouvimos que por não conseguirem lidar com tal infestação e sem nenhum apoio governamental, os agricultores abandonaram de vez as suas lavouras.

Construir a História através das memórias é algo bastante sucinto e desafiador, principalmente para nós Historiadores, que procuramos sempre averiguar cada detalhe daquilo que se possa confrontar nas mais relevantes e importantes falas dos nossos depoentes. A História oral é isso, um rico livro aberto na memória daqueles que só precisam ser escutados, e aqui o historiador é um dos principais protagonistas fazendo com que cada palavra averiguada seja apresentada e mostrada para o mundo nas entrelinhas de um novo arquivo de cunho monográfico ou dissertativo.

Aspectos positivos aqui foram apresentados, é notória que nas falas dos depoentes se perceba a felicidade de se trabalhar com aquilo que se chamava de ouro branco ou boi do pobre, pois sua produção estava bastante atrelada àquilo que a gente costuma chamar de ações creditícias ou paternalistas. O fato é que se você trabalhava com algodão, você tinha crédito em qualquer lugar.

Cada característica e argumento das falas dos entrevistados para este trabalho monográfico foram analisados a ponto que ao decorrer das entrevistas também nos deparamos com aqueles que não trazem boas recordações sobre as colheitas do algodão, não por ser uma cultura ruim, mas sim por conta daquilo que se chamava taxa de meiação, ou seja, os vários depoimentos coletados junto aos agricultores Aurorenses trazem à baila o alto nível de negociações a que os agricultores familiares estavam submetidos.

Claramente tal situação acontecia por se tratarem de pessoas que estavam desprovidas de lares particulares para morar, e em muitos dos casos a maioria desses agricultores além de precisarem da terra para plantar também precisavam de

uma casa para viver. Assim, entendemos que tal configuração paternalista por meio do patrão era o que de fato os prendiam a ponto de muitos deles nunca ambicionarem nem se associar à cooperativa, assim sempre vendendo o que sobrava da sua produção para o mesmo que lhe cedia as terras ou para os chamados corretores de algodão.

Nesse sentido, por se tratarem de pessoas simples e humildes, e dependentes por inúmeras vezes da bondade do patrão, o camponês se acomodava a viver ali, aliás, certamente o que mais os prendiam dentro das lavouras do algodão era a relação pré-capitalista e a lavoura de aprovisionamento, pois além das terras para plantar os seus senhores também os financiavam com remédio, alimentos, sementes e ferramentas, ou seja, o que costumamos chamar de paternalismo.

Por fim, o recorte temporal e espacial analisados nesta monografia representam contextos histórico-sociais dos fragmentos e desbravamentos de um grupo de pessoas que nunca haviam se deixado encabular por meio de alguma intempérie que viessem a abalar as suas plantações. Certamente aqui em Aurora, o bicudo foi um dos primeiros e únicos ser capaz de reivindicar e abalar tamanha capacidade de sobrevivência daqueles que, de pele tostada, enfrentavam os seus dias alvissareiros e ensolarados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In:____. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. P. 16-35.
- BRASIL. Ministério da Cultura. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Fundação: Biblioteca Nacional.
- BARBOSA, Marisa Zeferino. Transformação do mercado Brasileiro de algodão e a influência de políticas comerciais. *Informações Econômicas*, SP, v.26, n.2, fev. 1996.
- COSTA, Sérgio Rodrigues; BUENO, Miguel Garcia. *A saga do algodão: das primeiras lavouras à ação na OMC*. Rio de Janeiro: insight engenharia, 2004.
- CAMARA, Manuel Arruda da. *Memória sobre a cultura dos algodoeiros, e sobre o methodo de o escolher e ensacar*. Lisboa: Na Oficina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1799.
- COELHO, Alexandre Bragança. *A cultura do algodão e a questão da integração entre preços internos e externos*. Dissertação. (Mestrado em Economia). 2002. 153 p. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História.
- CASTRO, Hebe. História social. In:____. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 76 - 96.
- CICERO, José. *Enxada, Foice e Suor: Olhares sobre Aurora – aspectos históricos, sociais, geográficos, culturais e econômicos*. Aurora: Editora Real, 2007.
- FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. História econômica. In:____. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 53 -75.
- FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaina. *Usos e abuso da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- LUNA, Ana Erika Leite de. *Nos fios da memória: produtores de algodão e cultura do cooperativismo em Aurora-ce (1960-1970)*. Dissertação. (Mestrado em História e Culturas). 2019. 124 p. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em História.
- MENDONÇA, Sonia Regina de. O Patronato Rural Brasileiro na atualidade: dois estudos de caso. In:____. SEGRETI, Carlos S.A (org). *Centro de Estudos Históricos*. Córdoba, 2008. P. 139-159.

PINHEIRO, Deodato. *Algodão uma experiência de vida*. São Paulo: Baraúna, 2010.

PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976.

RIOS, Fábio Daniel. “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: *Revista Intratextos*, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

TAVARES, Amarílio Gonçalves. *Aurora História e Folclore*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1993.

VELHO, Gilberto. Antropologia e cidade. In:____. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. P. 36-41.